

Impacto da prevenção
primária da violência de
género na vida dos/as jovens

Projeto

BO(U)NDS

Narrativas Biográficas

Autoras

Maria José Magalhães
Camila Iglesias
Raquel Rodrigues

Financiamento:



Instituições parceiras:



CENTRO
INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDOS DE
GÉNERO
ISCSF-LISBOA



Laços, Limites e Violência

Projeto BO(U)NDS

Título: Projeto BO(U)NDS: Narrativas biográficas
Editor: UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta
Data: Maio, 2022
Edição: 1ª
Autora: Maria José Magalhães
Co-autoras: Camila Iglesias e Raquel Rodrigues
Suporte: Eletrónico
Formato: PDF / PDF/A
ISBN: 978-989-53175-3-0

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto Projeto BO(U)NDS - Laços, limites e violência: Estudo Longitudinal de Programas de Prevenção da Violência de Género em Contexto Escolar (FCT) (PTDC/SOC-ASO/31027/2017)

Laços, Limites e Violência

**Projeto
BO(U)NDS**

BO(U)NDS

Narrativas Biográficas

O impacto da prevenção primária da violência de género na vida dos/as jovens em Portugal

1ª Edição

2022

**A cada jovem que, de forma tão
generosa, partilhou a sua história,**

o nosso obrigada!

Laços, Limites e Violência

**Projeto
BO(U)NDS**

A produção deste e-book não teria sido possível sem o contributo inestimável de colegas e investigadoras que colaboraram ativamente neste Projeto, um obrigada especial a:

Ana Beires

Cátia Pontedeira

Ana Guerreiro

Vilma Teles Martelo

Margarida Pacheco

Margarida Felgueiras

Neuza de Farias Araújo

Ana Paula Antunes Martins

Isabel Viana

Carol Hagemann-White

Antonia Tsirigoti

Kiki Petroulaki

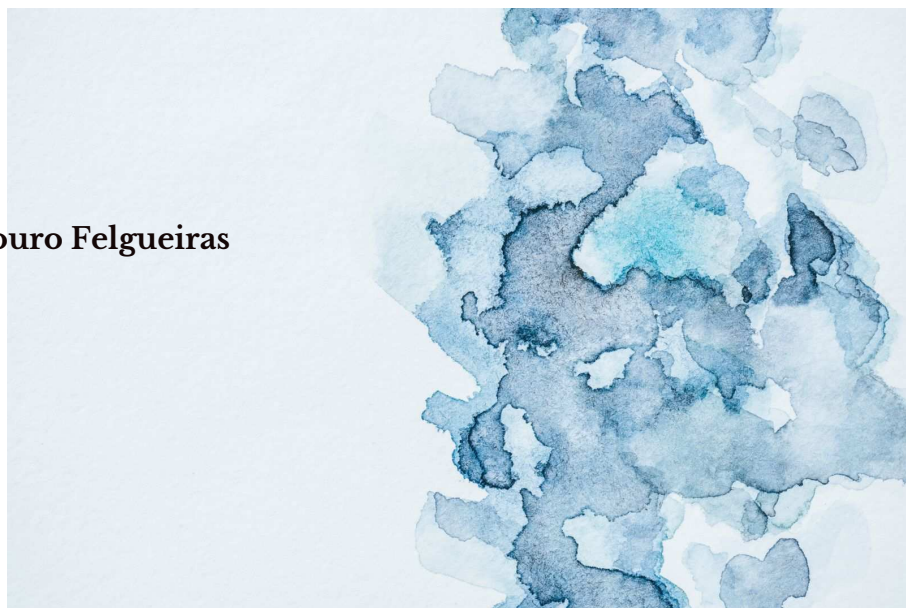
Ana Paula Canotilho & Lourdes Bandeira

(in memoriam)

Prefácio

BO(U)NDS Narrativas

Por
Margarida Louro Felgueiras



Bo(u)nds Narrativas é um dos resultados do Projeto BO(U)NDS – Laços, Limites e Violência, que foi desenvolvido ao longo dos anos de 2018 e 2022, atravessando um momento social difícil, em que o isolamento das pessoas ocasionou um enorme silêncio sobre a violência de género. Contudo, os momentos de silêncio são oportunidades de reflexão sobre aspetos fundamentais, que a urgência dos dias geralmente não permite. Bo(u)nds Narrativas aparece como uma necessidade fundamental de avaliar, no sentido de compreender, caminhos já percorridos de prevenção primária junto de jovens, no contexto português. Este facto é confirmado por ampla bibliografia, a nível internacional, como as autoras o demonstram.

Sendo a violência de género um problema grave e transversal na nossa sociedade, tentar compreender os efeitos, a médio prazo, da prevenção primária realizada em contextos educativos é essencial para apreciar, através da própria voz dos jovens, as marcas neles e nelas deixadas, na forma de ver os problemas, nos sentimentos que lhe estão associados.

As narrativas recolhidas em vários pontos do país permitem perceber estratégias mais incisivas, ligadas a um clima de confiança, liberdade e mesmo de estranhamento.

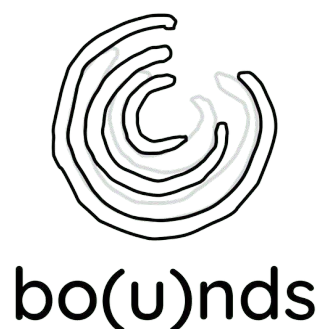
Fica claro que a novidade da abordagem, o descomprometimento das animadoras face à escola, aliados a uma simpatia genuína de cumplicidade e mesmo de idade, são elementos essenciais para o êxito. O que nos permite levantar outros tópicos para reflexão, impressionistas, de quem olha de fora, sabendo que como educadoras/es estamos sempre dentro: a prevenção da violência de género tem de fazer parte do projeto educativo das comunidades escolares mas deve ser levada a cabo por docente afectos a uma escola ou a agrupamentos de escolas? Sendo um problema tão grave, não deveriam existir equipas itinerantes, sem fazerem parte do aparato institucional da escola, dotadas de meios para trabalhar com os docentes e com os jovens, mas mantendo a novidade e confiança face aos mesmos?

A prevenção primária é urgente, indispensável e dá frutos, como este trabalho demonstra. Dificuldades do processo não permitiram chegar a algumas vozes mais cétricas ou mesmo discordantes. É necessário continuar a intervir e a observar as marcas que estas ações deixam no médio prazo, pois as alterações das atitudes são lentas, exigem a remoção de medos e preconceitos, renovação e escolhas de processos adequados a cada realidade. Mas como pedagogas/os sabemos que é em idade precoce, na livre expressão e num ambiente de confiança que a formação que perdura acontece.

Um livro agradável de ler, para todos e todas, jovens e educadores/as socioculturais e da formação.



Introdução



A violência contra mulheres e meninas e a violência de género têm sido, em particular, ao longo das duas últimas décadas, reconhecidas como questões de direitos humanos e como um grave problema de saúde, com sérios danos no desenvolvimento de crianças e de adolescentes (Walker, Tokar & Fischer, 2000; Miller et al., 2014; Murnen, 2015; Banyard et al., 2019). Existem estratégias de prevenção da violência nas escolas muito promissoras, mas a avaliação destas é escassa e raramente foi estudado o seu impacto a longo prazo (Cahill et al., 2019; Crooks, Jaffe, Dunlop, Kerry, & Exner-Cortens 2019).

Argumenta-se, portanto, que é essencial que educadores/as e toda a comunidade educativa envolvida na vida das/dos estudantes, apreendam e aprendam competências e estratégias capazes de reconhecer e prevenir a violência (Noletto, 2008; Alsaker & Valkanover, 2012; Baker-Henningham, Scott, Bowers & Francis, 2019).

É perante este núcleo teórico que o Projeto BO(U)NDS – Laços, Limites e Violência, objetivou compreender e avaliar quais as estratégias que, efetivamente, funcionam para a prevenção primária da violência de género, assim como os efeitos a longo prazo que estas estratégias de prevenção têm na vida dos/das jovens, tendo como pano de fundo, o contexto escolar e a perspetiva pedagógica e educativa. Assim, no âmbito das suas atividades de recolha de dados, a equipa do Projeto BO(U)NDS, desenvolveu ao longo dos anos 2021 e 2022, 12 entrevistas narrativas com jovens de diferentes cidades portuguesas (Porto, Lisboa, Santarém, Braga e Faro). Destas entrevistas narrativas resultaram as 12 narrativas biográficas hoje apresentadas e organizadas no formato deste e-book.

Nas seguintes páginas poderão encontrar em destaque momentos, pessoas e memórias que em muito confluíram para uma certeza: a prevenção primária da violência de género é fundamental, urgente e necessária.

O nosso profundo agradecimento a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento e escrita destas narrativas, com especial gratidão para com as/os jovens que tão generosamente colaboraram com o Projeto BO(U)NDS.



sou faladora, sou sempre aquela que chateia todos de manhã

Então, eu sou a Sandra, eu tenho 15, quase 16 anos, sou faladora, sou sempre aquela que chateia todos de manhã [risos]! Sou aquela que toda a gente detesta de manhã, sou aquela que ninguém suporta pela manhã. Neste momento os meus pais estão separados, mas ambos residem em Oliveiras, estou no décimo ano a tirar humanidades e quero seguir Ciências da Comunicação, porque adorava ser apresentadora de televisão era meu sonho desde pequenina! Mas é um curso muito difícil. Porque há muita rivalidade. Eu sou aquela pessoa que nunca diz não, então se me pisarem é muito difícil porque eu não sei pisar os outros.

Estou numa relação de namoro há quase dois anos, eu dancei a minha vida toda, entretanto parei e entrei no mundo do ginásio, para não parar de fazer desporto, mas a dança eu parei, depois de dançar por 14 anos. Eu tenho dois cães, duas gatas que são os meus amorzinhos de quatro patas, e eu os adoro! Adoro cães. E também tenho um irmão. Eu tenho a guarda partilhada, e estou uma semana em cada casa. Os meus pais separaram-se há seis anos e desde aí foi sempre assim. Portanto, há cinco, seis anos que vivo assim. Os meus pais sempre participaram muito da minha vida escolar, e às vezes eu até preferia que se esquecessem um bocadinho porque sempre fico com aquela pressão de estudar. Eles estão sempre a vigiar o que ficou para estudar.

Eu morei em Oliveiras desde sempre, mas sempre estudei no centro da cidade, e então sempre andei mais ou menos à volta dos mesmos agrupamentos. Terminei o infantário até o quarto ano. Aquilo como acaba no quarto ano mudei para a Escola da Vila e fiz o quinto ou sexto ano lá, e

¹ Todos os nomes de pessoas, localidades e instituições são fictícios e foram inseridos no texto para assegurar melhor dinâmica à leitura e, também, a anonimização dos/as participantes.

foi lá o ano que tive o Projeto. Aquela escola era até ao nono ano, mas como aquela escola não era a melhor o que quase toda a gente faz é mudar de escola. E então eu fiz o sétimo numa escola, depois quis mudar e no início do oitavo ano fui para a Escola do Centro.



Eu tive a sorte de ter o Projeto por dois anos na minha escola

Eu acho que cada vez mais há palestras e há pessoas como vocês a irem às escolas algumas vezes. Eu tive a sorte de ter o Projeto por dois anos na minha escola, e era muito fixe porque era aquele era aquela hora da semana que toda a gente ansiava ter, era aquela hora de descontração! Depois também fizemos imensas atividades fora da escola, e também foi super divertido! Eu lembro perfeitamente de nós sentirmos aquela ansiedade de chegar àquela hora e vermos a professora Joana [técnica-facilitadora do Projeto]. Já estávamos todos fartos daquelas disciplinas e quando a Joana [técnica-facilitadora do Projeto] chegava, o mundo parava! Ah, tenho pena que depois nas outras escolas não houvesse o Projeto, principalmente agora no secundário. Nesta fase, nós estamos tão focados nas matérias e, apesar de serem poucas disciplinas, temos que estudar muito, e às vezes uma lufada de ar fresco durante a semana não fazia mal. Eu sinto falta disso porque é muito bom!

E apesar de haver algumas palestras pontuais, como não é recorrente, e como abordamos tudo muito, muito rápido, em uma hora ou duas horas, acho que acaba mais por entrar e sair da nossa mente, apesar de algumas coisas ficarem. Mas é muito menos do que se formos acompanhados durante dois como eu fui. Tínhamos todas as semanas sessões, e também como era toda a turma que estava envolvida no projeto, era mesmo muito divertido! Nós fizemos coisas mesmo divertidas, tanto que eu sempre mantive contacto com a professora Joana, porque ela foi muito fixe connosco!

Eu agora estou no secundário, não tenho mais Cidadania Desenvolvimento, esta é uma disciplina que eu deixei de ter e neste

momento, por acaso até prefiro, porque meu horário é muito mau! Tenho aulas todos os dias das 13h30 às 18h30, nas terças das 8h30 às 18h30, é um horário muito chato, mesmo para estudar não é propriamente fácil e, apesar de cidadania ser importante, ia ocupar mais horário! Outra coisa que eu pessoalmente não gosto na cidadania é o facto de ser um professor de uma disciplina a dar. O que ele sabe nós todos sabemos, não é ninguém profissional no assunto. É um professor, por exemplo, se for uma diretora de turma de Ciências é a diretora de turma que dá cidadania. Quer dizer, não é propriamente uma pessoa que estuda e que vive só para isso! Como no projeto, no básico, no 5º e no 6º ano nós tínhamos a professora Joana [técnica-facilitadora do Projeto] que é profissional no assunto, ela estava sempre acompanhada com a minha diretora de turma que era de ciências na altura, tínhamos o horário, e as aulas eram feitas no horário de cidadania e quem supostamente iria dar a cidadania era a professora de ciências, como tivemos o projeto, a professora Joana [técnica-facilitadora do Projeto] é quem nos dava a disciplina. As sessões eram uma vez por semana e eram muito interativas, e acho que também depende um bocadinho do professor em si. Acho que também cabe ao professor, neste caso a Joana [técnica-facilitadora do Projeto] cativou-nos muito! Ela era muito... claro, como ela ainda é novinha, e na altura ainda era mais e nós também, acho que fizemos uma amizade muito bonita. E ela não mantém contacto só comigo, mas mantém com muitos.

Quanto à turma, claro que há uns mais participativos que outros, uns mostram mais interesse que outros... eu sempre participei muito, muito e tinha de me calar para os outros falarem (risos). Eu sou dessas! Eu me lembro perfeitamente, toda, toda a turma gostava, tanto que quando fizemos a atividade de fazer algo para apresentar na Universidade - em que iam todas as turmas que tinham esse projeto de todas as escolas de Oliveira – estas turmas podiam fazer um teatro, podiam fazer um vídeo, podiam fazer uma dança, uma música. Nós optamos por fazer uma coreografia, com uma música da 'Pink' e que falava sobre a violência doméstica e essas coisas... fizemos todos uma coreografia e foi super divertido. Houve muita gente que saiu completamente da zona de conforto e todos estivemos juntos nisso, e apesar de ter sido já há muito tempo, eu lembro-me perfeitamente todos

gostávamos mesmo das sessões e a nossa diretora de turma via isso e em qualquer turma que a professora Joana [técnica-facilitadora do Projeto] estivesse toda a gente era fascinado pela professora Joana naquela altura.



era aquela lufada de ar fresco

Esta relação foi muito importante! Porque quando nós sentimo-nos bem com um professor à nossa frente, nós falamos mais abertamente sentimos que essa pessoa nunca nos vai julgar. Acredito que se fosse um professor menos interativo que não nos compreendesse tanto, não nos desse oportunidade de dar a nossa opinião ou mesmo o seu estado de espírito, a Joana [técnica-facilitadora do Projeto] também é muito animada! Acho que, se calhar, ia nos deixar um pouco mais sujeitos a não falar tanto ou com vergonha, com medo de que nos julgassem. E a Joana foi impecável neste apeto.

Eu só conheci a Joana [técnica-facilitadora do Projeto] por causa do Projeto, eu não a conhecia antes, mas cinco anos depois ainda falo com ela. E naquela escola não há nem um professor que tivesse mantido contacto. E acho que quando entra uma pessoa assim, isto nos marca, e eu acho que falo por todos quando digo isto, acho que se todos estivessem aqui diriam o mesmo, porque toda a gente se lembra da Joana, ela marca e ela marcou-nos a nós. Sendo uma pessoa externa, sentimo-nos mais à vontade e também não cansa. Por exemplo, agora eu tenho seis horas por semana de história, socorro! Ponho-me louca! [risos]. E como as sessões do Projeto eram só uma hora, e era aquela lufada de ar fresco, era sempre ótimo e ajudava sempre



é claro que nas turmas há sempre um conflito ou outro, acontece

Eu vim de um colégio, não é, porque a escola é comandada por freiras e fomos para uma escola em que a agressão estava constantemente presente, porque aquela escola, pronto, muitas pessoas moram nos bairros perto vão pra lá e acaba sempre por ter muita confusão! Lembro-me perfeitamente que aquilo, até o nono ano, de miúdas do nono ano e ainda comento muito, porque aquela escola acho que marca muito e apesar de não ser uma escola de boas influências, faz-nos crescer muito porque não podemos demonstrar medo naquela escola. Eu lembro-me perfeitamente de, no nono ano, meninas ainda com 18 anos já lá levavam os filhinhos na escola nas carteiras. Era um impacto muito grande para quem que muda de uma escola em que só há quatro turmas, em que é tudo paz e sossego, em que rezamos todos, e que há tudo comidinha no prato, e depois chegas àquela escola! Acho que foi um impacto muito grande, e então, nós quando entrarmos no quinto ano, tínhamos sempre medo, não é? Medo dos mais velhos, porque víamos todos já com tatuagens, andavam sempre muitos armados de facas, soqueiras. Isso acontecia muito, e nos intervalos era constante a pressão entre eles, mesmo entre raparigas também! É, aquela escola é um bocado conhecida por isso também, e então no quinto ano, se tu não te deres bem com a tua turma, vais te sentir um pouco sozinha porque aquele meio não era o melhor. Então, é claro que nas turmas há sempre um conflito ou outro, acontece, principalmente em pequeninos, não é? E o quinto ano é naquela fase “meu Deus!” [risos].

Então, assim, havia outras turmas do quinto ano com quem não nos dávamos bem, portanto acho que sim, como a escola também não era muito grande... A escola tem poucos alunos, mas é uma escola enorme, aquilo nunca mais acaba! Mas acho que sim, dávamo-nos bem, mas, claro que havia sempre conflito. Mas, como também estávamos todos com medo, estávamos sempre ali direitinhos a toque de caixa, ninguém fala para ninguém e dávamo-nos todos uns com os outros. E não havia outras iniciativas. Eu acho

que já os próprios professores e os próprios funcionários tinham medo das pessoas, destes alunos. Chegou a um ponto em que nem os funcionários sentiam, só deixavam ir porque aquilo tornava se habitual. Ia lá muitas vezes a polícia, mas, pronto... já tinham todos medo! A polícia já estava mais que habituada a ir lá. Eles já sabiam que naquele momento não adiantava a presença deles lá. Os alunos iam continuar a fazer as coisas. Já o meu irmão, meu irmão é quatro anos mais velho que eu, andou lá e fez o mesmo percurso que eu, só não mudou de escola como eu, e já na altura dele era igual, e ainda hoje é! Eu fiquei lá dois anos, o quinto e o sexto anos. Eu resolvi sair também, claro teve a ver com este contexto, mas porque a outra escola, na altura, era das três melhores escolas de Portugal. Acho que toda a gente muda, ainda mais sendo do mesmo agrupamento de escolas, não é? Só mesmo quem não tem notas ou quem gosta daquela escola pela confusão, pois há quem goste disso, as pessoas que andam lá por confusão, ou pronto, ou também pessoas que não têm um apoio familiar para incentivar a mudar para uma escola melhor. Portanto, sim, eu mudei também por causa disso e por que a outra escola, mesmo a nível de aulas e tudo isso, era muito melhor assim.



é uma escola que nos faz crescer muito, porque vemos uma realidade muito diferente

Desde sempre tive este apoio familiar. Naquela escola via-se muita pobreza, não só a nível do apoio familiar, mas também a forma como os miúdos iam para a escola. Eu lembro-me perfeitamente de haver miúdos em pleno inverno que só tinham chinelos e iam de chinelos, que comiam comida do chão se fosse preciso... que viam os miúdos a jogarem futebol com pão, este pão ficava lá, e se tivesse que comer o pão, comiam pra não ter fome. Acho que esta escola tipo, apesar de eu nunca ter gostado de andar lá, porque acho que ninguém gosta de viver neste meio, é uma escola que nos faz crescer muito, porque vemos uma realidade muito diferente. Isto parece tudo muito exagerado, mas isso acontece mesmo. E sempre que alguém

anda lá, é sempre uma aprendizagem. Eu nunca vou me esquecer. E por isso o projeto fez tanto sentido ali naquele contexto, porque acredito que não é só naquela escola que acontece isso, não, não é! Mas aquela escola, desde que eu conheço, é a única que tem um nível de pobreza muito grande! Agora, os funcionários, nos intervalos queimam cogumelos que crescem dos tetos nas salas, por aquela escola nunca sofreu as alterações das novas, o Estado nunca a deu.

Antigamente aquilo era uma escola só de mulheres. Então é daquelas escolas que as escadas são assim em curva, têm seis andares. Por acaso nós, com a professora Joana tínhamos aulas no último andar e víamos toda a cidade, e víamos o rio, víamos tudo! Eu acho que quando eu ia para aquela sala em aulas, não estou a falar do projeto por no projeto estávamos sempre todos focados, mas em aulas regulares eu perdia-me atenta à paisagem. Então quando era às 8h20 ainda víamos mais ou menos o sol nascer, era muito bonito.



Eu sempre tive apoio familiar na escola e também na vida

Os meus pais já sabiam desta realidade por causa do meu irmão. E o meu irmão é mais introvertido que eu. O meu irmão nasceu mais introvertido e eu demasiado extrovertida, então os meus pais preocuparam-se mais com ele na altura, porque lá tínhamos tido um primo que mais velho ainda que ele que lá andava também. Os meus pais preocupavam-se mais com ele, por terem medo de que, como ele era mais frágil, mais introvertido, as outras pessoas se aproveitassem dele. E para o meu irmão acho que o choque foi ainda maior. Ele dizia que ficava pasmado quando via os meninos a jogarem futebol com um pão! Porque era muito chato. Comigo, eu também já sabia para o que ia mais ou menos, claro que, quando eu digo isto, quando entrei lá, o meu primeiro dia eu nunca mais me esqueço. Eu fiquei parada e aquilo é o recreio e tem dois prédios enormes. São dois andares de escola e eu fiquei no meio sozinha a chorar, porque eu não sabia, não conseguia orientar naquela escola, porque era muito grande, muito grande,

muito grande. Eu já sabia para o que ia porque meu irmão me falava, não é? Mas é uma realidade completamente diferente, então eles (os pais) também perguntavam se estava tudo bem, iam perguntando. É claro que as vezes eu dizia ‘Olha, não gosto disto ou fizeram isto ou fizeram aquilo’. Eu contava o que acontecia, mas também se contasse era sempre ‘porrada’ porque todos os dias havia ‘porrada’. Portanto, eles sabiam. Eu sempre tive apoio familiar na escola e também na vida, não é? Eles sempre me disseram para nunca mostrar medo ou para não me meter com ninguém, para não incentivar a confusão, se alguém se metesse comigo era pra eu virar as costas. Desde pequeninos, eu e meu irmão sempre tivemos este apoio. Portanto, acho que apesar de não estarem sempre preocupados, sabiam que eu estava preparada. Ainda por cima eles sabiam que se eu tivesse de rebater eu rebatia. O meu irmão não, mas eu era louca (risos)! Eu não apoio de todo a violência, nem os meus pais. Mas, é assim, a partir do momento em que alguém só ‘porque sim,’ vem me bater porque gostam disso, acham divertido. Se eu tiver que fazer qualquer coisa eu não vou ficar ali, tipo, como um saco de batatas. Mas, naquela escola, pouca gente anda sozinha. Temos todos medo, então estamos sempre em grupo. E então havia muita gente na minha turma que andava comigo desde infantário e isso também ajuda.



o objetivo foi que a turma tivesse contacto com outra realidade

Assim, todos tínhamos opiniões diferentes. Mas eu lembro mesmo de quando a Joana, eu acho que não estou enganada, mas ela pôs-nos a fazer videochamada com uns meninos de outro país, de outra turma. Acho que foi assim qualquer coisa e isso na altura foi mesmo fofo, porque víamos eles do outro lado do mundo. Assim, eu acho que quem falava mais nesta chamada era a professora porque eles eram de outra língua, tinham uma outra língua. E nós na altura também não éramos propriamente fluentes em outras línguas estávamos a começar e ficamos assim só olhar. Mas o objetivo foi que a turma tivesse contacto com outra realidade, outro país. Como é que são as escolas, isto tudo. Porque aqui as escolas são todas iguais, estas mais recentes

o Estado deixou-as todas iguais, mas lá não. Estivemos todos a falar uns com os outros e a gente se ria, era muito engraçado. Essas sessões são uma boa recordação...



em sala nós éramos participativos, mesmo participativos, e também aproveitávamos as sessões porque gostávamos de ouvir falar sobre estes temas

Nós temos sempre uma ideia nossa e do que nos dizem e do que ouvimos falar do que são estes conceitos. Mas quando vem um profissional nos explicar o que é, tipo tivemos mesmo um reforço naquilo. Nós não tivemos só uma hora durante um ano, não, foi um reforço constante para percebermos isto tudo e tanto que essa disciplina fez-nos subir muito as notas no conselho de turma, porque em sala nós éramos participativos, mesmo participativos, e também aproveitávamos as sessões porque gostávamos de ouvir falar sobre estes temas. Eu pelo menos nunca tinha tido antes estes conceitos, no básico acho que ainda é raro, na primária acho que ainda é raro haver estas discussões, não sei. Mas eu gostava que houvesse estes projetos porque acho que os pequeninos são, principalmente, os que ouvem mais porque eles não têm ainda as ideias fixas. Então tudo que ouvirem vão ficar a pensar nisso, enquanto, se for já no secundário, todos temos uma opinião muito formada. Todos já temos idade para ter uma opinião formada, para saber o que queremos, o que não gostamos, o que gostamos. Por outro lado, os pequeninos não. Por isso eu acho que eles ficam mesmo com o que os professores dizem. E acho que ir aos pequeninos era mesmo bom!

O que acontecia nas sessões é que se abria um tema e depois era a discussão, e nós todos a comentar “não sei o que, não sei que mais”, “não é isto, é aquilo”, e depois, à medida que toda a gente ia somando as partes do que cada um achava ao debate é que nós chegávamos ao que era final. Então, isso ajudava-nos a perceber que “ok, que eu tinha razão nisto, mas ele

também tinha razão naquilo”. Então todos os pontinhos do que cada um dizia formava a percepção final.

E eu acho que todos crescemos! É muito difícil mudar a opinião das pessoas depois que crescemos. Assim, nós vivemos todos num meio, neste momento estamos todos num meio que partilha muita opinião por causa das redes sociais. Então se uma pessoa não gosta ou outros também não gostam. Se um gosta, o outro também gosta. Então acho que com os pequeninos era bom! Eu considero que no quinto ano ainda somos muito pequeninos, não temos ainda uma ideia formada. E por isso acho que foi mesmo no tempo certo que o projeto esteve connosco. Foi naquele momento certo! É a partir daí que se começa a construir, e começamos a perceber do que gostamos, do que não gostamos, formamos ideias sobre o que é, ou o que não é. É claro que é sempre muito bom quando, ao menos, nos introduzam lá algo que seja o correto. Portanto acho que estar com os pequeninos é uma boa opção.



acho que é impossível esquecer!

Assim, o Projeto sempre teve influência, eu quero ter um futuro. Acho que em qualquer pessoa tem influência, afinal foram dois anos sempre a ouvir aquilo, sempre a insistirem no que era correto, portanto, acho que é impossível esquecer! Depois, claro que é importante, e eu querendo ser algo que toda a gente, se Deus quiser, um dia vai a ver na televisão, quero passar o correto, quero passar uma ideia boa, não quero ir para lá dizer disparates ou ser grosseira. E acho que se um dia tiver dúvidas falo com alguém. Sei, por exemplo, que tenho sempre a professora Joana porque ela nos deu esta abertura. Portanto, era uma pessoa a quem eu recorreria para perguntar algo se não soubesse. Prefiro ficar calada quando não sei do que estar a dizer disparates, portanto, acho que o projeto foi importante sim.



Ela disse que “tudo se resolvia com amor” e não é assim, não é de todo assim!

Eu não queria entrar neste assunto, mas eu adoro todo o progresso da [nome de uma apresentadora de televisão] e gosto muito dela, é um sonho! O que ela é neste momento é um sonho pra mim. Só que nessa história [referindo-se a uma situação recente] acho que ela ontem, por exemplo, não esteve correta no que disse. Ela disse que “tudo se resolvia com amor” e não é assim, não é de todo assim! Ela aí falhou. E apesar de muita gente, pessoas mais adultas principalmente, entenderem que tudo se resolve com amor ou que ela estava correta, lá está... que esteve num projeto como este, que fica, eu fiquei a perceber coisas que até hoje eu sei. Utilizei o que me lembrei, pensei e percebi que ela não estava correta. Assim, claro, todos falham, não é verdade? Mas lá está, acho que quando um programa é visto por milhares de pessoas, milhares e milhares de pessoas, acho que se tem que ter muito cuidado com que se diz. Eu acredito que ela quando chegou à casa assistiu ao programa e, se calhar, refletiu sobre o que disse. Porque ela falhou naquele momento, mas pelo que eu sigo dela, o que eu vejo dela, porque eu sigo ela, porque eu gosto de acompanhar, ela não é, de todo, uma pessoa que defenda a violência. Portanto, acho que ela falhou, acho que não está correto. Estou completamente de acordo com a queixa, porque violência não é só agredir não é, há muita violência psicológica.



A minha disciplina menos favorita era Matemática

Eu estou no 10º ano, em Artes, Artes do Espetáculo. Tenho 15 anos, vivo em Oliveiras, de momento a minha mãe é empregada de limpeza e o meu pai está desempregado.

Então, eu andava na escola Pinheiros, era cá em Oliveiras. A minha disciplina menos favorita era Matemática, ainda continua a ser [risos]. A minha relação com os colegas era normal, éramos uma turma normal. Já tínhamos vindo do 5º ano, então já todos tínhamos, assim, uma relação mais... não sei... naquelas turmas sempre há os grupinhos, então, tipo, eu nunca me senti, assim, muito inserido neles, mas também não queria estar.



Simplesmente deixei passar os anos

Aquela escola não me marcou assim muito porque... não sei... era uma escola normal, eu só me queria ver livre dali e ir para o secundário. Temos sempre aquelas grandes expetativas do secundário! Então, assim, simplesmente deixei passar os anos, nunca foi uma grande expectativa. Com os meus colegas da turma, já não falo, quer dizer, raramente falo, agora. Também porque, lá está, todos seguimos diferentes caminhos e, também não havia muito aquela conexão do tipo “Ó meu deus! Vamos tomar um café, vamos sair, vamos não sei o quê...!”, já não há isso! Também nunca

² Todos os nomes de pessoas, localidades e instituições são fictícios e foram inseridos no texto para assegurar melhor dinâmica à leitura e, também, a anonimização dos/as participantes.

houve lá nessa altura. Eramos simplesmente uma turma normal que dava-se bem por causa das aulas e tal mas... nada mais.

Ah, eu lembro-me que houve um concurso de Literatura no 9º ano e eu ganhei o 1º prémio e fiquei muito feliz! Eu nunca tinha assim escrito muito, então foi assim uma coisa marcante para mim. Porque, lá está, eu nunca tinha assim interesse em escrever, mas depois, quando o fiz, ganhei um prémio! Era um livro, mas... já foi bom! Então, fiquei muito feliz! E marcou-me. Sim! Marcou-me pela positiva.



A relação dos meus pais com a escola era normal

A relação dos meus pais com a escola também era normal. Era uma escola básica, não havia assim grande coisa. Eles sabiam que eu participava no projeto e a minha mãe, inclusive, fazia algumas perguntas sobre o que é que estávamos a fazer, porque havia sempre um seminário no final. Então, sempre havia aquela especulação. Acho que também era uma ideia muito fixe se também houvesse essas sessões para os pais. Lá está, eles têm de saber. Sim, sim, até era fixe se eles se juntassem ao projeto, às vezes, não é?



O projeto complementou tudo aquilo que eu sei hoje

Eu comecei no projeto no 5º, acho eu, 5º ou 6º e acabei no 9º. Então foram, mais ou menos, 6º, 7º, 8º, 9º... pr'aí, uns quatro anos! Olha, foi incrível! Porque, ao longo dos anos, lá está, nós eramos todos da mesma turma, mas depois foram uns entrando, foram outros saindo, porque há sempre aquela coisa do 7º ano... então, pronto, é outro ciclo, e já muda. Mas a minha turma já se tinha conectado muito à Joana [técnica-facilitadora do Projeto] porque

era uma professora que ia lá regularmente, de 15 em 15 dias, e então eu gostava muito das aulas dela porque eram aulas muito práticas! Eram jogos, era conversa, não havia muito aquela coisa, aquela restrição, do ‘temos de estar calados’. Não, ela até nos ajudava a mostrarmos a nossa opinião cá para fora, o que era incrível, porque nem todos na minha turma o sabiam fazer. Foi incrível!

Eu aprendi tantas coisas com o projeto e o projeto também me motivou a várias coisas durante os anos, que eu nunca pensei, que eu não tinha contacto, e como eu tive o projeto, eu tive essa oportunidade para conhecer novos conceitos, novos temas, novas coisas que se estavam a passar no mundo, talvez no nosso país, talvez na nossa cidade, talvez na casa do amigo mais próximo – que eu nem sequer sabia o que é que acontecia, que eu nem sequer sabia o que é que era. E a Joana [técnica-facilitadora do Projeto] também trouxe esses temas. E eu sei que não era só para mim, porque eu também vi colegas meus que, no 5º ano, diziam coisas totalmente machistas, totalmente nojentas, mas depois, no 9º ano, chegaram e tiveram a sua consciência de saber que aquilo estava errado e já tiveram um pensamento além daquilo que eles tinham, não é? Lá está, todos amadurecemos, mas o projeto sempre esteve lá, nessa ajuda porque a minha turma cresceu muito. Eu lembro-me que éramos super infantis, no 5º ano, e dizíamos coisas totalmente nojentas. Mas depois, ao 9º ano, chegamos todos e dissemos “Uau!”. Nós todos conseguimos olhar para trás e saber que aquilo que nós dizíamos não era bom, não era correto de todo, não é? Era mesmo nojento! Então, nós todos crescemos muito com o projeto! E foram uns anos muito bons! E eu tenho mesmo pena que nós não pudéssemos ter-nos despedido do projeto como deveríamos, porque, no 9º ano, houve aquela coisa do Corona. Nós não chegamos a ter Seminário, não chegamos a ter festa. Não tivemos, não tivemos nada. Então, nós ficamos muito tristes por causa disto, estávamos muito entusiasmados por causa do Seminário, nós íamos apresentar uma coisa muito fixe. E nós sempre vínhamos com ideias muito fixes para o Projeto. Eu nunca me lembro de ter chegado num dia em que era a Joana [técnica-facilitadora do Projeto] e de nós dizermos “Ei, é a Joana [técnica-facilitadora do Projeto]...” [como se fosse um aborrecimento]. Nunca! Isso nunca aconteceu! Nós sempre gostámos imenso! E o Projeto

também acho que está muito bem articulado porque ele sabe como começar e também sabe como acabar. Então, isso é muito inteligente, da forma como eles começam, o nosso primeiro contacto, do tipo muito *soft*. Mas depois, chegamos ao 9º ano, e eles também sabem como acabar aquilo, como acabar aquele ciclo, como fechar aquilo. Pronto, foram muitos anos, e acho isso incrível! Mas, assim, foram anos que me marcaram muito e ainda mantenho o contacto com a Joana [técnica-facilitadora do Projeto] e sei que alguns da minha turma antiga também mantêm contacto com ela porque foi uma pessoa que nos marcou e foi uma pessoa que sempre esteve lá para nós: se nós precisássemos... às vezes, nós até confiávamos mais nela do que na nossa própria Diretora de Turma.



Então, a culpa era dela?

Eu lembro-me, uma coisa que me marcou muito, foi no 9º ano, em janeiro, eu acho, a Joana [técnica-facilitadora do Projeto] levou textos de pessoas que já tinham passado por assédio, discriminação, violação ou assim. E ela disse “De quem é a culpa? Da vítima ou do agressor?”. E nós tínhamos que decidir, e aquilo levou a uma discussão tão intensa na minha turma que eu lembro-me que nós saímos da aula todos baralhados. Porque foi um assunto tão sério, que nós levamos tão a sério. E ver aqueles textos, e alguns eram muito fortes, e perceber qual era o lado das pessoas e depois apareciam lá os seguintes pontos: como ela estava vestida, como ela estava a falar, o que é que ela estava a fazer. E nós aí percebíamos as coisas. Por exemplo, “Ah, estava de saia”, “Ah, a culpa foi dela porque estava de saia!”. Esquece! Era discussão imensa na turma. E às vezes a Joana [técnica-facilitadora do Projeto] puxava-nos, ela picava-nos, ela era tipo “O quê? Mas a culpa não era dela porque ela estava vestida desta maneira?”. Era o bafo! Era tudo mesmo! E foi um dos exercícios que mais me marcou porque foram textos reais, que aconteceram mesmo, e nós tivemos o privilégio de ler e de analisar os assuntos que tinham acontecido. Esse foi um dos que mais me marcou.



Os Seminários também eram incríveis

É que foi um Projeto que me marcou tanto, que, às vezes, é difícil explicar. Só vivenciar mesmo. Os seminários também eram incríveis. Nós víamos pessoas lá tão envolvidas no trabalho, a sentir aquilo que estavam a fazer, não é? Porque nós podíamos fazer qualquer coisa: podíamos fazer teatros, filmes, dançar músicas, não sei quê, não é? Havia... tantas pessoas envolvidas naquilo, porque, às vezes, eu lembro-me, era escolas básicas, secundárias, era tudo. E era uma coisa que me fascinava, porque eram tantas pessoas que se juntavam, só por causas que às vezes nem nos afetavam, percebes? Do tipo, aconteceu-te uma coisa a ti, não é? Eu posso não me envolver, se eu decidir, porque não foi uma coisa que me aconteceu a mim, foi a ti. Foi a ti que te causou, és tu que vais ficar perturbada. Não sou eu. Percebes? Mas não. Nós lá todos decidimos apoiar as causas pelas quais estamos a lutar. Percebes? Do tipo, “Não passaste por isso?”, “Não. Vou-te ajudar a lutar, a enfrentar isso e a fazer outras coisas, tipo, a levatares a tua voz”, percebes? E isso acontecia lá! Eu via isso! É que todos ajudavam uns aos outros. E era incrível, era tipo, uma comunidade mesmo, mesmo unida. E depois, tipo, não era só “Ai, aquele é da escola não sei o quê”, não. Todos andávamos a fazer amizades. Eu lembro-me que nós fazíamos amizades. Todos ficávamos nos *instagrams*, na altura (risos). Os seminários eram incríveis! Era muito fixe!

O Projeto complementou tudo aquilo que eu sei hoje. Porque, lá está, na escola nós nunca falamos sobre isto. Aí mesmo... eu lembro-me que no 6º ano era sobre sexualidade, como se fazem os bebés. Nós tínhamos isso, no 6º ano, e parecia mesmo que eles tinham medo de falar, que tinham medo de explicar as coisas. E depois é assim que dá as transmissões das doenças, e é assim que se dá as violações, é assim que se dá tudo, porque eles têm medo de explicar as coisas, têm medo e tocar no assunto. Enquanto o Projeto já não faz isso connosco. Faz isso, mas de outra maneira, é uma forma de explicar mais educativa... lá está, em jogos. É ver filmes e dar a nossa opinião, não temos medo de falar, escrever textos anónimos para depois a Joana [técnica-

facilitadora do Projeto] ler à frente da turma e nós podermos discutir o que achamos.



ajudou-me muito na fase de sair, de saber, de experimentar

Acho que tudo isso teve importância na forma como vejo a sociedade. Vejo a sociedade de uma forma boa? Depende, não é? Depende da coisa. Mas, se eu estou mais ciente dos assuntos? Sim, muito mais. Eu sou gay, não é? E a Joana [técnica-facilitadora do Projeto] também me ajudou muito nessa fase. Também me ajudou muito na fase de sair, de procurar, de saber, de experimentar. Ela, tipo, ajudou-me imenso. Não foi uma coisa de eu chegar lá e dizer “Joana [técnica-facilitadora do Projeto] olha, sou isto e preciso de ajuda!”, não! Foi, tipo, numa cena de uma aula. Foi numa aula sobre orientação sexual a falar e foi assim que se deu. Depois, eu lembro-me que, lá está, comecei mais a interessar por saber porque as aulas da Joana [técnica-facilitadora do Projeto] era uma coisa que me interessava muito e gostava muito, não só a mim, mas à turma toda, como já disse. Então, comecei a me interessar mais e foi aí que comecei a ir às marchas, comecei a ir a manifestações, percebes? Foi, assim, todo um conjunto de coisas que me levaram a ver a forma da sociedade como é hoje. Mas a Joana [técnica-facilitadora do Projeto], lá está, o Projeto, sempre foi um ponto essencial em como tudo começou.



Eu acho que a escola fecha-se, definitivamente

Porque antes do Projeto eu nem sequer fazia ideia de que isso existia. E é uma coisa que me entristece muito, porque eu acho que é uma coisa que cada vez temos de falar mais porque tudo começa na escola, não é? Uma

escola tem uma forma de educar e eu acho que nós tínhamos um projeto... mas não falávamos, tipo, quase nada nas aulas nas outras disciplinas. Era, tipo, uma coisa nula, não havia. Era só isso. E, às vezes, quando falávamos, era do que íamos fazer no seminário porque, lá está, eram outras turmas da escola...então sempre havia aquele burburinho do que é que íamos fazer, o que é que as turmas iam fazer. Então só nos perguntavam isso. Mas quanto mesmo às questões de género e de violência com a mulher era nula, infelizmente.

Eu acho que a escola fecha-se, definitivamente. Mas eu acho que é porque elas têm medo de... são pontos tão frágeis, que nós achamos que são tão frágeis, não é? Que a escola acha que são tão frágeis, que elas têm medo de como chegar e de como falar. Então elas não sabem como lidar com isso. E elas não sabem como como ter uma conversa com uma turma de 6º ano, não é? Sobre, sei lá, violação ou assédio. Não sabem ter essas conversas. Não sabem, e eles têm medo de tocar em algo que possa virar uma grande tempestade! Eles têm medo do que os alunos vão dizer aos pais sobre o que andaram a falar e como alguns pais podem levar a mal. Eles têm mais cuidado naquilo que falam, ou não falam...o que é grave! Mas no projeto não houve isso. Fazemos as coisas mais dinâmicas, com jogos e assim, o que eu acho incrível!

São assuntos tão importantes, é uma coisa tão necessária para hoje em dia. É uma coisa que gostamos mesmo de saber, e eu acho que toda a informação nunca é demais. E mesmo também, tipo, estar ali a falar de coisas que são importantes...eu acho que isso é muito importante. Eu lembro-me que eu tinha História, e pronto, História dos tempos antigos e não sei quê. E eu tinha um professor e o meu professor era totalmente discriminatório com as mulheres. E eu lembro-me de uma vez em que nós, tipo, reclamámos com o próprio professor...foi no 8º ano. E nós dissemos “Não, tipo, isto chega, basta! Já não é mais isto!”, não é? Eu acho que o projeto também deveria interferir noutras disciplinas porque, lá está, é uma coisa importante, é uma coisa necessária, enquanto...esse projeto é em Educação Cívica e, ó pá, era fixe e não sei quê, mas também acho que era necessário mais horas por semana. Porque a Joana [técnica-facilitadora do Projeto] só vinha de 15 em

15 dias mas nós queríamos ela lá, nós sabíamos que precisávamos dela lá todas as semanas, porque era uma coisa necessária. Enquanto...eu cresci, mas sabia que haviam outros colegas que ainda não cresceram, percebes? No 9º ano, praí, não é? E há essa diferença. Então nós sempre tivemos essa noção do que queríamos e também de como era necessário. Acho que os projetos deveriam começar mais cedo nas escolas. Pelo menos no 4º ano. No 4º ano já tinha de começar. E devíamos ir a mais sítios, fazer mais coisas, coisas mais dinâmicas, mas não só na escola e envolver toda a comunidade, em toda a sociedade.



Eu tenho de ir e tenho que arriscar

[sobre o futuro] Qual é a pressa, não é? [risos] eu lembro-me que eu tinha aquele plano, que era ir para escola que eu estou hoje, fazer a universidade, talvez ir para fora estudar...tinha essas todas ilusões. Mas, o que é que aconteceu? Eu consegui entrar na escola, consegui e sinto-me muito feliz e muito grato por isso, porque foi uma coisa que me esforcei muito. Eu lembro-me que nós tínhamos de fazer provas, tínhamos de fazer *castings*, tivemos que fazer tudo. Mas depois eu entrei e percebi que não é isto que eu quero e então sinto-me muito perdido neste momento. Porque, neste momento, já abriram as inscrições para outras escolas de artes, e profissionais também. E eu agora estou a fazer a candidatura, estou a candidatar-me a várias escolas para fazer provas, lá está. Mas, não sei, acho que é uma coisa que eu tenho de ir e tenho que arriscar. E se eu não gostar, vou ter de aguentar, não é? Porque eu não quero ter 21 anos e ainda estar 12º. Acho que isso é muito mau [pausa]. Não, é muito mau, espera! Eu expliquei mal. Não é muito mau, mas não é uma coisa que eu queira para mim, não é uma coisa que eu queira para a minha vida. Aos 21 eu já me quero ver noutra patamar, já me quero ver noutras coisas. É mais isso.



Tens de te informar, tens de saber aquilo por que tu queres lutar, tens que saber aquilo que tu defendes

O que eu gostaria de dizer é, olha, eu dizia... tipo, tenta-te informar. Tipo, não conseguiste estar lá, tenho muita pena por isso, é mesmo mau. Mas, não pares por aí, informa-te. Percebes? Não é só por causa de não estares num projeto que não podes ajudar a causa. Podes. Tens de te informar, tens de saber aquilo por que tu queres lutar, tens que saber aquilo que tu defendes, o que tu defendes, o que tu gostas de defender. E depois é lutar para que isso aconteça. Ou, se não, mano, vai à internet! A internet agora tem tudo. Vê os projetos que há na tua zona, vai lá, tipo, informa-te, percebes? É tudo uma causa nós querermos mesmo, percebes? Ou termos curiosidade. Porque, lá está, agora temos a internet. Tudo é um passo, nem que seja um grupo online. Nós conseguimos na mesma. Percebes? Porque agora há imensos grupos online, que eu já vi, de apoio à vítima e de não sei o quê. Se tu quiseses, é mesmo a tua vontade, é isso. Só tu é que podes fazer. É mais ou menos isso. É que... não pares só porque não estás num projeto. Tu podes vir a estar e, mesmo se não quiseses estar num projeto, podes vir a saber disso pela internet, que agora tem tudo.



O meu nome é João

O meu nome é João, tenho 21 anos, sou do sexo masculino, sou da Freguesia de Trancoso, no distrito da Guarda. O meu agregado familiar é composto pela minha mãe, por mim e pelo meu irmão. A minha mãe é professora do ensino básico e secundário de Português e Francês, estou atualmente a frequentar a escola superior de educação de (cidade), estou a terminar a licenciatura em publicidade e relações públicas e em breve tenciono concorrer para a Escola Prática da Polícia.



(...) foi a primeira vez que me mudei completamente sozinho para uma cidade completamente diferente

Eu na altura, digamos que estava um pouco perdido, digamos assim. Tinha acabado de começar o primeiro semestre, estava um bocadinho perdido, foi a primeira vez que me mudei completamente sozinho para uma cidade completamente diferente, apesar de já conhecer Viseu, e eu tinha uma namorada aqui em Trancoso e digamos que afetou-me um bocado. Não tinha ninguém, sentia-me um bocado sozinho e decidi pesquisar o que é que poderia eu fazer para me envolver e não me sentir assim tão perdido naqueles dias. Na escola as coisas sempre foram... os meus colegas sempre foram muito cordiais e criei bastantes amizades, mesmo com os professores e com os funcionários. E era uma relação... sempre tive um convívio na

³ Todos os nomes de pessoas, localidades e instituições são fictícios e foram inseridos no texto para assegurar melhor dinâmica à leitura e, também, a anonimização dos/as participantes.

escola muito interativo e ainda assim, no fundo, chegava à casa e sentia-me um bocado mal porque não tinha as pessoas que tinha aqui.



Porque a minha mãe conseguiu divorciar-se do meu pai, ela nunca permitiu que ele a batesse, mas havia pessoas que não conseguiam.

Os meus pais são divorciados e apesar de nunca ter havido nada físico, por vezes havia violência psicológica. E acho que por esse motivo a minha mãe achou importante eu envolver-me neste projeto para, de alguma forma, apesar de eu já saber aquilo que é correto e o que é errado, fazer mais por pessoas. Porque a minha mãe conseguiu divorciar-se do meu pai, ela nunca permitiu que ele a batesse, mas havia pessoas que não conseguiam. Sejam homens, sejam mulheres, há pessoas que não têm esta capacidade (de romper a relação) e penso que a minha mãe achou que era uma forma de eu saber como fazer mais, educando a sociedade, digamos assim... educarmos a sociedade pois há determinados comportamentos que não devem ser feitos. As pessoas têm liberdades que não devem ser desrespeitadas. Ela não se envolveu ao ponto de me perguntar, se calhar não queria pensar muito nisto, pronto, mas ela sempre me incentivou no sentido de “acho que fazes muito bem em te envolveres neste projeto”. E também porque, para além da questão dos meus pais, eu na altura tinha uma relação que não era propriamente muito saudável. Era uma relação tóxica e que por vezes não eram respeitadas as minhas liberdades, nomeadamente o facto de eu estar com amigas minhas e isso... pronto, também me fazia um bocado de espécie o facto de eu estar numa relação e chegar ao ponto de evitar de estar com certas pessoas só porque a minha namorada não gostava. E ela não respeitava isto e a minha achou que eu, por este motivo, deveria envolver-me neste projeto. E digamos que até foi um abre olhos porque eu sou relações públicas e a minha profissão relacionar-me com homens e mulheres independente do género e da sexualidade, portanto... eu não posso apenas me comunicar com homens heterossexuais, porque a minha profissão é relacionar-me com as diversas pessoas, ter interação, comunicar... e estar limitado só a um

grupo de pessoas porque com todos os outros grupos ela (a namorada) ficava incomodada e ficava preocupada, é, sem dúvida alguma, uma relação tóxica. Até se pode ter ciúmes, mas há que respeitar a liberdade dos outros. Acho que é incorreto o facto de agora uma outra pessoa estar a escolher quem são as pessoas com quem eu posso falar. De fato era uma relação tóxica. Até graças um bocado ao projeto... me deu uma perspetiva das coisas que eu por acaso não tinha, que eu não tinha e percebi “não, isto de facto está mal e não pode acontecer.”



Cheguei a uma conclusão de que ainda sou um indivíduo, tenho direito ao meu espaço, à minha individualidade...

Eu informei obviamente à minha mãe, no intuito de ela saber o que eu andava a fazer, e ela sempre me apoiou na realização destes projetos que ao longo do meu percurso escolar fui realizando. E ela achou por bem que eu participasse em concreto neste projeto. Na altura estava no meu, ora isto foi em 2017, estava no meu primeiro ano da licenciatura e isto surgiu-me e eu decidi ir pesquisar alguns projetos que o IPDJ tinha na zona e que eu poderia estar interessado em participar e surgiu-me o projeto e achei interessante desde logo participar, pesquisei no que é que consistia e o que iríamos fazer e foi tudo uma questão de... não mo disseram, mas foi tudo algo de iniciativa própria. E efetivamente pesquisei, etc... tive contacto com a responsável pelo IPDJ em Viseu que disse-me mais aprofundadamente o que iríamos fazer, explicou-me que seria em Aveiro e que iria estar em contacto com outras pessoas, digamos “representantes” de escolas de outros Distritos e cidades da zona do Centro.

Integrei o projeto entre novembro e dezembro de 2017, conheci algumas pessoas, inclusive uma colega minha... e ficamos a conhecer mais sobre as questões da violência no namoro, aquilo que se deve ou não fazer, o que é o mais correto a fazer, digamos assim... o Projeto consistia em nós termos esta formação com as formadoras da (nome da instituição), e as duas eram responsáveis pela formação e depois tinham o intuito de dar-nos ideias

para nós, em Viseu, implementarmos projetos nas escolas do Concelho. Isto, por motivos profissionais e académicos não me foi possível, e da parte da minha colega também penso que também não foi possível. Tive muita pena que isto não me fosse possível, achei um projeto bastante interessante e que é fundamental. Muitas vezes os jovens não têm consciência daquilo que devem fazer ou não.

Me recordo que foi uma altura em que estávamos a refletir sobre atitudes menos boas e as formadoras estavam a dar exemplos daquilo que não se deve fazer e eu apercebi-me “bolas, ela (a namorada) faz-me isto. Será que de facto estou numa relação saudável? Será que devo continuar?”. O facto de, por exemplo, ela querer saber as minhas mensagens, as minhas palavras-passes das redes sociais... como eu não tinha nada a esconder, nunca me opus. E a determinada altura cheguei à conclusão, “não, estou a ser estúpido, não faz sentido agora uma pessoa estar a controlar a minha vida e estar a saber as minhas mensagens, com quem eu falo ou deixo de falar...” mesmo não tendo nada a esconder acho que passei a pensar, passei a achar que, de facto, este comportamento era incorreto. Era o meu espaço, as minhas redes sociais, a minha liberdade e eu ainda sou um indivíduo. Cheguei a uma conclusão de que ainda sou um indivíduo, tenho direito ao meu espaço, à minha individualidade e ninguém à volta tem de saber com quem eu falo, com quem eu deixo de falar ou me controlar. Portanto, quando se começou a enumerar estas coisas cheguei à conclusão de que como era possível eu deixar que me façam isto. E cheguei à conclusão de que a relação era tóxica e tinha de ter um ponto final.



(...) vejo que ainda é mais necessário que haja estes projetos integrados nas escolas, sejam básicas, secundárias, superiores.

Mas é fulcral que se faça estes tipos de projetos em que se explica o que é correto ou não. E o facto de a UMAR ter revelado há semanas que 62%

dos jovens banalizam e acham correto comportamentos violentos durante o namoro, vejo que ainda é mais necessário que haja estes projetos integrados nas escolas, sejam básicas, secundárias, superiores. Porque mesmo nas superiores, apesar de sermos mais velhos e mesmo nas Universidades ainda há muito esta violência, e, se calhar, uma violência mais grave e mais séria. E, portanto, sempre achei que fosse fundamental, e nunca tanto como hoje acho que se deve fazer estes tipos de projetos e tive muita pena de não poder envolver-me mais neste projeto e ir às escolas.

Na minha escola, na altura, eu já estava no secundário, o projeto entrou na minha escola secundária, não me lembro ao certo quem foi falar, mas esteve-se a falar... no fundo, era aquilo que eu supostamente iria fazer depois (da participação no projeto). Só que infelizmente, por exemplo, na minha escola superior não há tanto esta preocupação em termos dos problemas sociais e dos problemas que a sociedade enfrenta, sejam desde problemas... ou a violência no namoro, ou a violência doméstica, ou até ao ambiente, infelizmente não há muito esta (iniciativa) as conferências que há, os projetos que há são muito direcionados à educação, desafios, mas nunca há nada em concreto em que se foque nos problemas. É sempre muito abstrato, anda-se muito ali à volta, mas não há um foco nos problemas em concreto para tentarmos solucionar os problemas. E, portanto, infelizmente... no (ensino) básico, não me lembro, no me recordo de nada para além de, obviamente, os professores dizerem que/falarem muito da questão da educação sexual, falarem por vezes da educação sexual, da relação que deve existir entre os colegas, na secundária foi, lá está, recordo-me que o projeto foi à minha escola, mas no superior nunca houve esta preocupação, e que é uma pena, sem dúvida alguma.



Eu acho fulcral que haja mais projetos prolongados no tempo para que haja esta sensibilização da comunidade(...)

É que não tenho dúvida nenhuma disto, que se devem realizar muitas ações de sensibilização, muitos projetos deste tipo... lá está, o (projeto),

aqueles dias foram como uma formação e que supostamente se iria prolongar, mas acho que ainda assim se deve ir para além disso porque o projeto existe e obviamente não estamos à espera que resolva o problema, mas continua a haver muita violência no namoro e que é aceite pelos casais e enquanto houve este problema temos que arranjar outras formas.

Eu acho fulcral que haja mais projetos prolongados no tempo para que haja esta sensibilização da comunidade e nestes tipos de problemas que são um flagelo na sociedade, em concreto a portuguesa, devemos unir-nos todos! Não é só o IPDJ fazer uma, a UMAR fazer outra, acho que é fundamental que se unam forças e envolver-se para além de todas as instituições, deve-se envolver o governo, porque à vezes nem é muito envolvido nesta questão e deveria se envolver. É fundamental que haja estes tipos de projetos e mais eficazes, porque, se calhar, tentámos de uma outra forma... sei que não há uma fórmula mágica para se fazer as ações ou os projetos, mas tentarmos fazer várias ‘tentativas’, se calhar por tentativa e erro... se uma ação não funciona tão bem, vamos tentar outra. E acho que sem dúvida alguma é importantíssimo que se realize estas ações de sensibilização.

Há uma questão de que os jovens se abstraem muito facilmente, e perdem o foco. Basicamente há muitos jovens que se sentam e estão lá nos telemóveis e não se focam naquilo que lhe estão a dizer. E arranjar, mas obviamente que depois é necessário pensar melhor nesta questão, mas o fundamentalmente é fazer com que os jovens se interessem e não sintam que estão ali obrigados ou que “pronto, agora vou aqui para esta sala e ouvir estas senhoras e estes senhores...”. (é preciso) arranjar alguma forma para que este pensamento não exista de que “estou aqui só a matar o tempo e a levar com matéria”. Não aborrecer os jovens, cativá-los; dar exemplos daquilo que se deve ou não fazer, simular (situações) atitudes, perguntar aos jovens (promover o debate). Porque há muitos que até são envergonhados e não dizem nada porque se calhar estão envergonhados por causa dos colegas, ou não querem que os colegas pensem que são uns nerds, mas há muitos que tem ideias boas e soluções pragmáticas para resolver estes problemas e envolver a comunidade mais no assunto. E dar oportunidade a que estes

jovens se abram para falar sobre isto, ou, se calhar, por exemplo, há muitos que certamente sofrem de violência e que não dizem. Sabem que não deviam fazer isto, mas porque (a simular o pensamento de alguns jovens) “mas ele diz que gosta muito de mim, pronto, eu aceito que ele faça isto”. Para além de estarmos numa sala fechada a falar por PowerPoint e não sei que, (é preciso) falar-se mais com os jovens, analisar-se mais quais são as suas atitudes quando estão a namorar, quais são os seus comportamentos o que é que eles fazem, se restringem as liberdades da outra pessoa... acho que vai muito mais para além de estar, por exemplo, a projetar um PowerPoint e estarem fechados numa sala. Acho que isto é fundamental! E, se calhar, eu sei que isto não é propriamente muito consensual, quer queiramos, quer não, os jovens são diferentes, e se calhar, focar-se em ações em concreto, por exemplo, para rapazes e outras mais focadas para as raparigas, porque muitas vezes as raparigas, ou os próprios rapazes, não se sentem à vontade... por exemplo, um rapaz poderá não se sentir tão confortável com determinadas queixas ou opiniões que possa ter se tiver uma rapariga ao lado, para não parecer fraco ou coisa do género. Se calhar, até mesmo ao pé de um rapaz! Explorar-se mais esta dinâmica e fazer-se muitas mais coisas e, se calhar, é muito por tentativa e erro... se uma coisa não resulta, vamos tentar de outra forma, vamos tentar com outras pessoas. Acho que vai por este lado de não aborrecer os jovens e focarmo-nos mais em que eles falem do que nós falemos, se calhar é mais importante isto!



acho que é fundamental haver uma interação maior entre a comunidade e polícia, e as autoridades. (...) E uma das coisas a que se deve esta minha opinião é também a participação no projeto

As minhas expetativas profissionais, eu tenciono ir para a PSP. Eu sempre fui mais focado nas relações públicas já desde muito novo e quero muito aplicar esta área na PSP, porque acho que é fundamental haver uma interação maior entre a comunidade e polícia, e as autoridades. Nem digo só

as autoridades, as instituições públicas, porque isto é fundamental. E uma das coisas a que se deve esta minha opinião é também a participação no projeto... ou seja, que devem ser as próprias instituições, as próprias autoridades, a explicar como as coisas devem ser feitas e que se se fizerem determinadas coisas estas são incorretas. E acho que passa muito por isso, o porque de eu tencionar fazer escola na polícia, que é ter esta interação entre a comunidade e a própria polícia e as instituições em questões como estas. Claro que vai muito mais além do namoro e da violência doméstica, mas também está envolvido... porque em pleno século XXI é absurdo que existam estes comportamentos entre os jovens. E isto é gravíssimo, e temos, mais do que nunca erradicar este problema, este flagelo na comunidade, antes que seja tarde demais.



O meu nome é Letícia...

O meu nome é Letícia, tenho 18 anos, vivo em Oliveiras, estou a estudar na Escola de Medicina Oliveiras, estou no 1º ano do curso, vivo com os meus pais, tenho um irmão, que como tem uma diferença muito grande mim, ele já tem 33 anos, está a viver no estrangeiro, está lá a trabalhar com a namorada, tem a vida dele já mais independente de nós. Eu vivo com os meus pais, a minha mãe tem um restaurante e o meu pai trabalha numa fábrica, além de ajudar no restaurante, com a coisas que são precisas.



...estava a mudar de escola, a fazer novos amigos

Eu comecei no Projeto, e na altura não foi bem uma sugestão, foi a nossa Professora de Português, que na altura era a nossa diretora de turma, que sugeriu, com os restantes professores, que se substituísse a Educação Sexual, que nós tínhamos, para esse projeto, o que na minha opinião, acabou por ser muito mais abrangente do que a Educação Sexual que eu tinha tido, por exemplo, no ensino básico, mas foi assim que o Projeto nos foi dado. Nessa altura, eu estava no 10º ano, estava a mudar de escola, a fazer novos amigos, e, pronto, estava se calhar a habituar-me a um novo momento, a uma nova fase da minha vida também. Fiz essa mudança de passar de uma escola que era mais na periferia para uma escola que era mais no centro da

⁴ Todos os nomes de pessoas, localidades e instituições são fictícios e foram inseridos no texto para assegurar melhor dinâmica à leitura e, também, a anonimização dos/as participantes.

cidade, teve bastantes mudanças em mim, mas sinto que no geral muito pela positiva. Depois, que eu me lembre não sei, acho que, se calhar, houve mais dificuldade no início para fazer aquele grupo de amigos que nós tínhamos e tudo, mas acho que também estive numa turma que sempre foi muito unida, por isso, também nunca houve muitos problemas, mas acho que é mais adaptação do que um problema em si.



...mesmo que tivessem de faltar ao trabalho, gostavam mesmo muito de me ir ver

Os meus pais, desde que era pequeninha e andava na escola primária, sempre gostaram muito de me ver nos projetos, sempre que eu tinha uma festa na escola gostavam de ir, mesmo que tivessem de faltar ao trabalho, gostavam mesmo muito de me ir ver. No secundário isso mudou um bocadinho mais, porque como a minha mãe abriu o restaurante e, pronto, começou a trabalhar mais na parte da tarde e noite, então já não estava tão disponível para ir ver. Por exemplo, eu fazia teatro na altura e se calhar quando as peças eram à tarde já era mais difícil, mas mesmo assim teve sempre muita curiosidade, no tempo que nós tínhamos juntas também. Sempre me questionou sobre os projetos que tinha na escola, sobre como é que eu andava e também eu sempre falei muito com ela sobre a minha envolvimento nesse projeto, nós acabávamos por ter sempre um produto final, até me lembro que no primeiro ano fizemos um vídeo musical e lembro-me que os meus pais quiseram muito ver, principalmente a minha mãe, ela adora essas coisas que eu faço. Acho que apesar de não terem tido tanta disponibilidade para ver as coisas fisicamente sempre quiseram saber e estavam muito interessados na minha participação nos projetos.



...acaba por dar voz a toda a gente

[A participação no Projeto] não foi bem uma escolha nossa, foi algo que nos foi apresentado e acho que nós fomos muito recetivos no início, apesar de não sabermos bem em que é que consistia. As facilitadoras sempre tiveram muito cuidado em aproveitar os momentos do projeto, que podiam ser bastante expositivos, para nos dar a conhecer muitas questões relativamente aos Direitos Humanos, aos Direitos das Mulheres, e à violência que existe atualmente. E isto podia realmente tornar-se muito expositivo, como se fosse o momento de uma aula, mas sempre tiveram o cuidado de tornar esse momento num momento de debate, de nos fazer pensar, de termos uma opinião mais crítica sobre o assunto.

Depois, também apostavam muito na questão artística, de nós criarmos produtos artísticos, até, não só para o produto final, que nós tínhamos, pois no final do ano havia uma mostra em que cada turma que participava no projeto fazia uma apresentação de um produto, mas mesmo em que pequenos momentos, na sala de aula, às vezes fazer pequenos momentos de improviso teatral. Isso é sempre muito bom, e acho que além de ser um momento de que todos nós gostamos geralmente, também é bom para aquelas pessoas que são mais tímidas se envolverem nas coisas e não ficarem muito caladas nesses projetos. Então, acaba por dar voz a toda a gente, mas depois também é bom para treinar outras capacidades nossas como a criatividade, o improviso, essa questão de termos um pensamento crítico, uma forma de refletir sobre as coisas, depois também trabalham muito o sentido de união da turma, quando eu referi há pouco que a nossa turma era muito unida, eu não sei, mas algo também se pode dever também a esse projeto, porque nós quando estamos a fazer uma coisa em conjunto que não seja um trabalho de grupo, para apresentar e ter uma nota que acabam por ser coisas muito formais às vezes, acaba por nos unir e fazer com que nós tenhamos uma abordagem, como turma, diferente das coisas.

Sempre que eu me lembro do Projeto acabo por me lembrar primeiro dos projetos finais que nós fazíamos, agora, falando da frequência que eu tive foi no secundário no 11º ano, nós até gostávamos de ter continuado no 12º, só que como havia aquelas disciplinas opcionais e a turma dividia-se acabava por ser muito difícil termos o projeto porque teria de ser nas disciplinas a que nós tínhamos exame, que era português e matemática, então era muito difícil, mas foi nesse período, e no 10º ano nós fizemos uma apresentação final sobre um tema que estava a dar que falar na mídia que era sobre a identidade de género, sobre jovens a partir dos 16 anos poderem mudar o seu nome, e identificar-se com o género que não seja aquele igual ao seu sexo, ao seu sexo biológico, então nós quisemos abordar isso, fizemos uma música, mudamos a letra de uma música que já existia.

Se calhar, os meus pensamentos vão logo para essas questões, depois no 11º ano, no último ano que nós tivemos com o Projeto, nós fomos apresentar a uma universidade, numa conferência que houve, e fizemos pequenos teatros sobre muitos momentos do nosso dia-a-dia, enquanto jovens, em que se verifica a violência de género. Por exemplo, na questão dos pais muitas vezes não deixarem sair as raparigas à noite, por causa da questão do proteger, mas deixarem sair os filhos. Assim, o meu pensamento vai mais para esses produtos que nós fizemos, quando penso no Projeto.



...se não tivesse o projeto, não sei se esta reflexão iria existir tão facilmente

Uma coisa em que eu senti dificuldade no início, mas que me ajudou a evoluir muito, foi mesmo a questão de haver momentos de reflexão crítica, de nos fazerem perguntas do género “o que é que para vocês a violência de género?”, e de nos obrigar a pensar nas coisas e depois de nos obrigar a ter uma apreciação crítica das coisas que dantes, se calhar, não existia em mim. E isto, se não tivesse o projeto, não sei se esta reflexão iria existir tão facilmente, então acho que é mais nesse sentido que me lembro do projeto e sinto que foi isso que mais me marcou na questão de dificuldades, mas que

neste momento não são bem dificuldades, mas são esses momentos que me lembro e que me fizeram evoluir.

Acho que se nós tivéssemos tido a Educação Sexual como eu tive no ensino básico, acho que, apesar de alguns temas serem falados, como a violência entre pares, a violência em relações de intimidade, por exemplo, as professoras faziam sempre aquela... havia sempre aquele cuidado de alertar-nos para isso. Mas quando os professores não são pessoas que tiveram mesmo formação nessa área, ou seja, apesar de falarem das coisas, se calhar, não são capazes de chegar tanto aos jovens como as formadoras que nós tivemos, e sinto que no Projeto aprendi mesmo muito, muito mais do que aprenderia com a questão da Educação Sexual, por exemplo.

Aprendi muito acerca dos Direitos Humanos, mesmo não só na questão de os saber, mas de saber como agir atualmente. Ou seja, como é que nós podemos fazer a diferença enquanto pessoas, e isso fez com que também tivesse uma visão das coisas muito diferente e de querer ser mais interventiva na sociedade também.



[as técnicas-facilitadoras do projeto] transmitem sempre um à vontade diferente com a turma

Acho que aprendi mesmo muito, principalmente sobre estes conceitos, do que se tivessem sido abordados por professores. De certeza que eles iriam ter abordado da forma que achariam melhor, mas não seria tão fácil para nós aceitá-los. E muitas vezes, também acho, há uma diferença entre os professores e as técnicas do projeto, não é uma relação muito linear, mas os professores normalmente são pessoas mais velhas, com quem se calhar nós não temos se calhar tanta confiança para falar de determinados temas, e depois se tivermos pessoas que são mais novas, neste caso, mas lá está não é uma relação muito linear, porque pode haver voluntárias no projeto que sejam mais velhas e professores mais novas, mas transmitem sempre um à vontade diferente com a turma.



...acho que este Projeto é muito importante para pessoas que no futuro vão lidar com pessoas

Esta questão exige que pense um bocadinho, não é? Sobre as perspetivas de futuro... acho que atualmente estes conhecimentos já estão a fazer uma diferença em mim. Nessa questão de eu querer ser mais interventiva na sociedade e, por exemplo, ter sido alertada para questões de violência de género, e violência no namoro, que, se calhar, não estava tão atenta e tão familiarizada. Neste momento, apesar de não me familiarizar tanto com alguns temas, estou mais alertada para eles e isso faz com que queira intervir mais na sociedade. Então neste momento eu juntei-me a um núcleo de estudantes da Universidade, que se chama “*He for She*”, que faz parte de um movimento ao nível internacional, que luta pela igualdade de género e pela tentativa de desconstruir esta questão do feminismo, por exemplo, que muitas vezes está ligado à supremacia feminina, por causa de nós não sabermos o que é que as coisas realmente são, quando, na verdade, é um movimento que luta pela igualdade, pela desconstrução da violência. É uma tentativa de informar os jovens da nossa idade, para tentar alertá-los também para estas questões.

E também me juntei a um grupo de voluntariado na minha universidade. A partir do 3º ano, que é quando nós começamos a ir para os hospitais, a ter os anos mais clínicos, os estudantes passam, nas férias, durante cerca de um mês, a ir para países em desenvolvimento tentar também falar com jovens de lá que estão a ser instruídos para serem médicos e tentar falar-lhes das nossas vivências também, tentar formar um bocadinho mais nesta questão de violência, que acontecer sobre os Direitos Humanos e que muitas vezes não é tão abordada nesses países, e sinto que se calhar isso também se deveu um bocado ao Projeto: alertar para a questão dos Direitos Humanos e achar que nós podemos fazer a diferença.

Depois, a longo prazo, não sei, eu acho que este Projeto é muito importante para pessoas que no futuro vão lidar com pessoas. Nem todas as profissões lidam diretamente com pessoas, mas, por exemplo, a Medicina lida, e eu acho que também tenho essa, esses temas abordados, um bocado, na Universidade do Minho, acho que também há uma preocupação em formar médicos que saibam dos problemas atuais e saibam lidar com as pessoas em todas as dimensões. Mas, acho que este Projeto é muito importante também para isso. Mas, por exemplo, falei agora na questão das pessoas que vão trabalhar com pessoas, mas também quem não trabalhar diretamente com pessoas se calhar não vai ter outro tipo de formação depois nesse âmbito de estarmos preocupados com o outro, de estarmos atentos a pequenos sinais que possam existir nas pessoas, então sinto que também é um momento que nós temos para nos formar, nessa questão.



...podermos ter o melhor projeto do mundo, com as melhores pessoas, se não conseguirmos chegar aos jovens, vai ser muito difícil esse projeto ter frutos

Por acaso nós gostávamos de fazer uma coisa semelhante ao Projeto na universidade quanto à questão de prevenir a violência e de alertar jovens para estas questões que, infelizmente, estão presentes na atualidade. Mas pronto, então, quais são as características que nós precisaríamos para ser perfeito? Acho que, primeiro, precisaríamos de ter a adesão dos jovens, aquela questão de nós irmos para uma sala de aula e estarmos a falar simplesmente, acaba por ter muita pouca adesão. Então, apesar de podermos ter o melhor projeto do mundo, com as melhores pessoas, se não conseguirmos chegar aos jovens vai ser muito difícil esse projeto ter frutos. Depois, acho que também é importante ouvir os jovens, desde o início tentar perceber quais são as opiniões que eles têm sobre o tema. Porque acho que isto, às vezes, pode variar muito. Ou seja, a forma como as coisas são feitas, se houver muitos jovens que já têm uma noção sobre os temas podemos trabalhar a um nível mais aprofundado. Por outro lado, se os jovens ainda

não tiverem noção das coisas, acho que também têm de ser instruídos para as noções básicas. Pronto, acho que estes são fatores essenciais para que o projeto se desenvolva. E acho que, por acaso estão presentes no Projeto em que eu participei na escola. Quanto aos temas, acho que isso ia variar muito também considerando as circunstâncias, mas, por exemplo, se as pessoas nunca tivessem tido contacto com a questão do feminismo, porque às vezes as pessoas falam sem saberem o que é, então, se calhar, tentaria explicar como é que as coisas são, com aquilo que eu aprendi com a minha perspetiva. Em algumas vezes nós ouvimos as pessoas a falar e pensamos que é apenas uma opinião sendo que, na verdade, são fatos. Noutras vezes, ouvimos pessoas falar como se soubessem imenso sobre o assunto e, na verdade, são meras opiniões.



...na escola de onde eu vinha, que era uma escola da periferia, sinto que esta questão da violência era mais importante

Estava a lembrar-me em relação ao contexto em que o Projeto se desenvolveu, acho que por estar no centro da cidade, com pessoas que tinham vindo de colégios, e que já não vivem diariamente com estas questões da violência. Apesar de ser muito importante para nós, porque é muito importante para toda a gente, se calhar, não foi algo que mudasse completamente determinados assuntos porque nós não vamos conviver diariamente com esta violência, mas por exemplo, se calhar, na escola de onde eu vinha, que era uma escola da periferia, sinto que esta questão da violência era mais importante. Olhando agora para trás, na minha turma havia muitos mais preconceitos, mais violência e, se calhar, mesmo na casa das pessoas. Nós podíamos estar mais atentos também desde mais cedo, e se calhar tentar intervir e ajudar em determinadas questões, de que nós já estávamos consciencializados na altura.

É muito importante trabalhar estes temas desde muito cedo, eu senti uma diferença mesmo muito grande na transição, nessa questão de

preconceitos e de violência que presenciei em termos uma escola que se calhar era mais na periferia, que tinha resultados acadêmicos, nos rankings nacionais, dos piores da cidade e depois passar para uma escola que estava posicionada nos rankings muito acima, acho que seria muito importante alagar para contextos em que se calhar a violência está mais presente, que seriam estes de, por exemplo, de dificuldades socioeconômicas maiores, nessas zonas mais periféricas das cidades, então era mais esta questão que eu gostava de acrescentar.



Eu sou a Clara

Eu sou a Clara, tenho 18 anos, moro em Oliveiras e estudo na Escola José Joaquim. Eu moro com meus pais e com a minha irmã. O meu pai é engenheiro civil e a minha mãe é engenheira mecânica.



Nunca foram professores e havia algumas que eram mais interativas

Eu entrei para a esta escola há alguns anos, e desde que me lembro, pelo menos uma vez por ano, havia uma palestra, que era como nós chamávamos, em que iam, por vezes, as turmas todas da escola separadamente, em vários dias e horas, e outras vezes era só o secundário que ia. Do que eu me lembro destas sessões eram sempre pessoas de fora da escola. A escola convidava pessoas para irem dar estas palestras. Nunca foram professores e havia algumas que eram mais interativas. Há uma que eu me lembro muito bem e que provavelmente foi a que me marcou mais e que eu mais gostei de estar que foi bastante interativa sobre a violência no namoro. Já as outras, sinceramente, como foram mais só a pessoas a falar, sem interação dos alunos, não me marcaram tanto. Mas o que eu sei é que foram todas muito no âmbito da violência no namoro sempre. Nunca houve para além disso. E como isso me afetou? Em termos de percurso escolar eu acho que, lá está, aquela mais interativa que me deu outra perspetiva das coisas, porque ela consistia em a pessoa que estava a fazer as perguntas, ela fazia uma pergunta e os alunos todos no auditório tinham de se meter para

⁵ Todos os nomes de pessoas, localidades e instituições são fictícios e foram inseridos no texto para assegurar melhor dinâmica à leitura e, também, a anonimização dos/as participantes.

um lado de ‘sim’ ou ‘não’ de acordo com a afirmação. E acho que me deu uma perspectiva diferente da opinião das pessoas, da escola, e dos meus colegas e professores também. E acho que é isso. A escola, pelo menos desde que estou lá, nunca convidou ou nunca chamou os pais para estas palestras, era sempre reservado aos alunos e, por vezes, como eu disse, nem eram todos os alunos, eram só do secundário ou do básico



eles são de outros tempos e acho que estas palestras eram mais direcionadas para jovens

[o percurso escolar] foi sempre um percurso em que me senti integrada. Os professores depois, normalmente, nas aulas a seguir falavam um pouco sobre as palavras e discutíamos todos um pouco os temas das palestras. Senti-me sempre integrada neste aspeto, sim, e à vontade. Aqui em casa, sempre contei como foram as palestras, e o que é que aprendemos e o que é que falaram. E acho que o interesse dos ‘pais normais’ não é por aí além... ou seja, não procuraram saber mais... porque acho que também eles são de outros tempos e acho que estas palestras eram mais direcionadas para jovens.



Acho que se fosse voluntário quase ninguém iria

O que eu gostaria que fosse diferente na altura, o fato de a maior parte ou todas que eu me lembro, tirando aquela tal (que foi mais interativa) serem todas muito teóricas, não haver interação nossa quer a falar, e acho que este é o único aspeto negativo. Ah, e também o facto de ser sempre à volta da violência no namoro, sempre... não haver outros temas para além desse. Eu acho que as palestras até foram bastante regulares, o problema é que eram sempre do mesmo tema. Acho que esta foi a única coisa negativa sobre todas

as palestras que tivemos na escola. Mas acho que o tempo, e a duração, e é sempre por volta das duas horas e acho que estava correto. Mas, lá está, como era sempre do mesmo tema, acho que isto poderia ter variado um bocado mais.

Era obrigatório ir a estas palestras, se não fossemos às palestras era como ter falta à aula que estaríamos a ter no momento. Mas eu acho que isto por um lado é bom, porque somos “obrigados”, e informados... é como uma aula qualquer, estamos a ser ensinados sobre algo, e acho que isso é bom! Acho que se fosse voluntário quase ninguém iria.



...foi a que me marcou mais, e que me fez mudar mais

Eu vou novamente referir aquela palestra mais dinâmica porque acho que, sem dúvida, foi a que me marcou mais, e que me fez mudar mais. Porque ela, lá está, era sobre a violência no namoro e eu na altura estava a namorar com a mesma pessoa que agora, mas na altura tinha uma relação bastante abusiva. E essa palestra (descreve a palestra que consistia num conjunto de questões que eram colocadas e os alunos deveriam se posicionar em ‘concordo’ ou ‘discordo’), e eram afirmações do género “não vou usar uma minissaia porque meu namorado não gosta”. E eu metia-me sempre em “discordo”, no entanto, na vida real se isso acontecesse eu iria concordar com isto e não iria usar. E então isto deu-me uma perspetiva diferente, para resolver estas coisas na minha relação. Agora está tudo bem, agora faço as coisas certinhas, não é nada abusivo, nem tóxico, e acho que esta palestra me influenciou nesta perspetiva bastante. E pretendo ir para a Universidade, para qualquer curso na área da saúde, ainda não sei bem... mas não acho que as palestras tenham tido algum tipo de influência na área que eu iria escolher, porque eu sempre quis a saúde desde sempre.



Eu acho que qualquer palestra, iniciativa ou programa é essencial ser dinâmico!

Eu acho que estas palestras deveriam de ser alargadas ao básico, às vezes eram, mas acho que deveriam ser mais alargadas para os alunos mais novos também, porque acho que é importante aprender isto desde mais jovem e não só aos 17, 18 anos. Eu acho que qualquer palestra, iniciativa ou programa é essencial ser dinâmico! Contatar com as pessoas diretamente em vez de ser apenas uma aula em que está uma pessoa a falar e a dizer os assuntos... e acho que os alunos assim acabam por perder o interesse. Portanto, se eu fosse organizar algo, seria algo bastante dinâmico! Acho que este é, sem dúvida, o aspeto essencial! E iria tentar pegar em assuntos do dia a dia, assuntos reais, e dar exemplos sobre isso para as pessoas também se colocarem na posição dos outros e conseguirem perceber a perspetiva de outras pessoas, conseguires pôr-se no lugar do outro, que acho que foi também bastante o que aconteceu naquela palestra que eu estive... (interrupção na gravação por questões de conexão e a entrevistada repete). Então o que eu estava a dizer que dois aspetos essenciais seriam, então, a dinâmica do projeto ou da iniciativa e, também, dar exemplo das situações reais para que as pessoas pudessem se colocar no lugar do outro para que sentissem mesmo a perspetiva do outro e estar no lugar do outro, e como é a vida de outra pessoa e que pudessem sentir, então... acho que desta forma se sente mais do que ser apenas uma pessoa a falar sobre estes casos. Acho que, de qualquer forma, haveria se se arranjar maneira de se colocar nesta posição de outra pessoa e dar uma opinião a partir daí.



Eu sou o Viny

Eu sou o Viny, sou de Oliveiras, estou no 12º ano, eu vivo com meus pais e com a minha irmã. O meu pai é advogado e a minha mãe é técnica superior no serviço público. Eu sou do gênero fluido, estou dentro do espectro dos não binários, tenho 17 anos. Como eu já disse, estou no 12º ano, eu já estudo há alguns aninhos. Desde o princípio, sempre gostei de estudar, tanto que eu quero seguir medicina, um dia espero conseguir lá chegar, acho que sim.



Eu acho que para eles foi um bocadinho naquela coisa do choque, porque não estavam à espera

Os meus pais sempre estiveram bastante envolvidos no meu processo escolar. E como eu disse, sempre me deram muita liberdade naquilo que eu queria, gostava e me via a fazer. Acabei por escolher tentar seguir medicina, o que eles apoiaram perfeitamente. Porque eu inicialmente ainda tinha algumas coisas de querer ir para uma área que não tem nada a ver, que é cozinha, eu gostava de fazer hotelaria, mas acabei por desistir, porque descobri que não era bem o que eu achava. Mas a medicina sempre foi algo de que eu gostei, porque sempre foi algo pelo qual eu sempre fui muito apaixonado. Inicialmente, a parte da neurologia e da genética. São as duas áreas que eu mais gosto e meus pais sempre me apoiaram imenso. Mas nas questões das palestras de sexualidade e das identidades e da violência de

⁶ Todos os nomes de pessoas, localidades e instituições são fictícios e foram inseridos no texto para assegurar melhor dinâmica à leitura e, também, a anonimização dos/as participantes.

género. Eu acho que para eles foi um bocadinho naquela coisa do choque, porque não estavam à espera, especialmente quando eu pela primeira vez cheguei ao pé deles que eu realmente não me identificava somente como uma pessoa do gênero masculino, que eu era gênero fluido, para eles foi um bocado confuso, pois pronto, não sabiam o que é que aquilo significava. Foi um choque para eles. E as questões da sexualidade, quando eu disse que era bissexual, que pra mim a identidade de gênero do parceiro não era tão relevante, eles também ficaram um pouco mais confusos, receosos, mas eu acho que isto é uma questão de aprendizado de todos, de trabalho conjunto.

Eu já lhes disse que eu não me importo de explicar aquilo que fosse preciso, mas que, como qualquer outra pessoa, não gosto de andar a minha vida toda a me justificar. Mas há aqueles desentendimentos de família que eu não compreendo e então, questiono. Mas ao questionar eu posso estar a entrar no teu espaço. Desentendimentos que realmente são complicados. Mas que eu tento sempre resolver pelo melhor. Mas isso é como tudo na vida. Nem sempre é possível, outras vezes é. É como tudo na vida. Mas eu acho que acima de tudo eles estiveram sempre presentes em todo meu acompanhamento escolar e agora é só mais uma fase em que vão ter que se habituar à ideia de que eu sou uma pessoa bissexual e que não identifico com apenas um género.



A escola pra mim sempre foi um ambiente não só de aprendizado, mas que eu também podia ser aquilo que eu quisesse ser

Eu gostava de ir à escola. Sempre fui daqueles que tem facilidade em fazer amigos, porque eu sou muito expressivo e comunicativo, então, eu conseguia atrair um pouco mais a atenção necessária. E outras vezes não tão necessária, mas também a atraía. A escola pra mim sempre foi um ambiente não só de aprendizado, mas que eu também podia ser aquilo que eu quisesse ser. Eu não tinha a pressão de estar a escolher que área eu quero seguir, também, porque meus pais nunca me puseram essa pressão de o que que eu

quero seguir, sempre me deram muito liberdade de eu escolher e ver aquilo de que eu realmente eu gostava. Tanto que se pôs a hipótese de que, se eu quisesse mesmo, quando eu chegasse ao 10º ano, de mudar de curso. Porque eu ingressei em Ciências e Tecnologias, se eu quisesse mudar de curso, poderia, mas não quis, porque era o que eu realmente gostava. E, portanto, pra mim, a escola sempre foi um ambiente, digamos, de prazer, que eu sempre gostei muito, especialmente, pela parte de comunicação, que eu gosto de estar com as pessoas e meus amigos e mesmo os professores, eu comunico imenso, eu fico até às vezes a seguir ao tempo das aulas, a falar, com um ou dois professores que eu tenho mais confiança e liberdade para haver momentos de partilha.



eu sou o que sou hoje devido também àquilo que passei

Mas também houve as suas partes menos boas [na escola], não vou dizer más, mas menos boas porque eu acho que, mesmo sendo assim um pouco mais repressoras, eu acho que acabou por me tornar a pessoa que eu sou hoje, portanto eu não gosto de me referir a esses momentos como maus, porque eu sou o que sou hoje devido também àquilo que passei. Como referi no início, eu sou gênero fluido, o que nem sempre é bem aceito. Eu sempre fui um rapaz que, por vezes tem os seus momentos um pouco mais femininos, sempre fui uma pessoa que gosto de usar roupas coloridas, sempre gostei muito de usar, por exemplo, alguns tipos de maquilhagem, por vezes, nem sempre foi bem aceito por toda a gente.

Casos de bullying aconteceram, mas ainda bem que eu comecei a ser acompanhado psicologicamente, o que também ajuda bastante, e digo que, realmente o apoio psicológico é necessário e que há pessoas que não o levam tão a sério como deveria. Mas ele tem que ser tomado em consideração e, realmente, não é uma coisa como muitos têm a noção ou pensam que é simplesmente para malucos. Mas não, ajuda muita gente. Acho que todos

deveríamos ter um momento de partilha e de análise daquilo que estamos a passar. Mas retirando esses pontos mais negativos do bullying, a parte menos boa de... e estamos aqui a falar de bullying psicológico e físico, porque também já o passei, mas superei, consegui e cá estou hoje. Mas eu acho que a escola sempre foi um ambiente em que eu não me sentia mal, apesar de todo este processo de repressão em que eu me sentia menos confortável até comigo mesmo. E tenho a dizer que houve especialmente uma professora que me ajudou muito em este aspecto, uma professora de ciências, no 9º ano ainda, que foi quem me ajudou a descobrir que eu precisava de acompanhamento psicológico e que estava na altura em que eu realmente precisava de um acompanhamento profissional. Agradeço muito essa professora, porque hoje consigo ver que se não fosse essa professora, provavelmente poderia ter acontecido pior do que havia acontecido. Tirando isso, eu sinto que na escola, liceu, primária, tudo, eu sempre fui um miúdo muito feliz.



Embora eu quisesse que fossem mais, e uma coisa muito mais dinâmica e de partilha mútua de informação

Especialmente esta escola em que estou agora houve projetos. Na outra escola, havia algumas iniciativas, não eram tantas, mas tinham alguns com a polícia e chegamos a fazer alguns sobre Sexologia, mais relacionado à violência sexual. Mas aqui nesta escola eu tenho reparado que eles têm uma grande preocupação com o bem-estar do aluno especialmente. Tem um cuidado especial em criar momentos de, não só de partilha, mas também de aprendizagem. Tanto que agora há pouco tempo houve a fundação do clube feminista. O que pra mim foi excelente, foi uma ideia ótima. E já reparei que até mesmo a associação de estudantes se empenha em contactar empresas, em contactar instituições para que se façam momentos mais de aprendizagem, como tínhamos referido sobre o Projeto, que realmente era um pouco mais expositivos, mas que lá tem seus momentos de dinamismo. Embora eu

quisesse que fossem mais, e uma coisa muito mais dinâmica e de partilha mútua de informação.



não só para os alunos, mas para toda a comunidade escolar

Que eu me lembre desde que estou no secundário, também muito devido à situação de pandemia, que veio a impactar nestas questões das palestras e de momentos de "dia aberto" que esta costumava haver bastante, principalmente relacionado a essa parte da sexualidade, da sexologia e da violência de género. Eu creio que houve duas sessões. Uma delas que vieram cá duas meninas da Faculdade de Medicina e que foi mais direccionado a Sexologia, também se abordaram coisas como consentimento quanto ao ato sexual, mesmo a consumação do ato sexual. E as meninas foram muito queridas, explicaram-nos e tiraram-nos imensas dúvidas que nós tínhamos, mas como disse, foi uma coisa mais expositiva, como eu lhe disse, tinha um PowerPoint explicando os diferentes métodos de contraceção, e falaram também em consentimento e iam explicando o que era o consentimento e iam desmitificando o conceito de consentimento. Muita gente acha que o consentimento é uma coisa simples. E acho que devia ser um conceito que devia estar interiorizado em toda gente, mas infelizmente não está e deveria, porque é uma coisa simples e é uma questão de respeito. Mas houve de fato aquele esclarecimento de dúvidas.

Onde eu senti que houve um pouco mais de interação com os alunos, foi realmente com o Projeto [nome do projeto], na seção que tivemos na recentemente, em que realmente houve a procura de saber realmente o que achávamos tanto do Projeto como d'algumas questões-tipo que estavam estipuladas, aqueles casos valorativos, e que realmente eu achei muito interessante, porque nos pôs à prova a nós, enquanto pessoas e para connosco mesmo, para interiorizarmos as perguntas e pensarmos aquilo que pensávamos que seria correcto e quanto a uns com os outros. Tanto que

houve momentos de discussão em que compartilhamos nossos pontos de vista, em umas chegamos a um consenso, em outras não. Acho que se tivermos oportunidades de ter mais projetos ou programas assim eu acho que seria muito benéfico não só para a comunidade de alunos, mas também para a comunidade docente. Porque eu acho que seria importante, por exemplo, um dia aberto nesses temas, um pouco mais nessa temática não só para os alunos, mas para toda a comunidade escolar, porque acho que nós não sabemos tudo e sempre temos algo a aprender.

Eu gosto muito de falar, de me comunicar. Assim, no dia-a-dia, adoro falar, me comunicar, rir, por exemplo, eu gosto imenso. Mas em momentos em que me sinto um pouco mais pressionado não gosto tanto, porque também, eu tenho um problema de gaguez, eu sou gago, eu controlo imenso enquanto falo, há momentos em que não dá tanto, mas porque eu fui aprendendo a controlar. Mas há momentos, quando estou um pouco mais nervoso, em que eu gaguejo um pouco mais, ou em que tenho que pensar e trocar algumas palavras. Mas eu acho que são este tipo de projetos que, ao me porem à prova, porque eu tenho que partilhar, tiram um pouco essa ansiedade de falar em público, e eu acho que descobri uma parte de mim muito mais aberta, isto de falar com o público, do que somente aquela parte de comunicação mais ao nível pessoal, mais ao nível do pequeno grupo.



Eu adoraria, no futuro...

Eu adoraria, no futuro, o meu sonho era eu entrar em medicina, mas eu adoraria vir a ajudar outros jovens que, porventura, estejam a passar algo idêntico ao que eu passei ou alguma coisa que eu realmente saiba e possa ajudar. Eu poderia falar com eles e mesmo eu ajudá-los a passar por alguns momentos em que, uns eu passei sozinho e outros acompanhado, que eu acho que são complicados e em que são necessários de ter um apoio. E eu acho que, principalmente aqui em Portugal, há uma falta de preocupação com a saúde mental. Acho que da última vez que eu vi, havia um psicólogo

a cada 100 habitantes, ou mais um bocadinho. Infelizmente, era mais um pouco.

Mas eu acho que devia haver muito mais essa preocupação, porque as pessoas necessitam de um apoio psicológico, muitas vezes os jovens, não só os jovens, mas aqui mais direcionado, precisam de alguém que os ouça sem filtro, sem julgar, e precisam realmente de um apoio, e eu adoraria, um dia, já formado, enquanto médico, porque um dia lá chegarei, eu poder ajudar os jovens a entenderem-se um pouco mais enquanto pessoas, entenderem aquilo que querem ser enquanto pessoa, a entenderem o que querem ser numa comunidade, numa sociedade, sem vergonha de identidade de género, de sexualidade, de religião, de toda uma panóplia de tabus que a sociedade põe e têm e que eu acho que são precisos deitar abaixo esses tabus e desmistificar estas áreas, e eu adoraria ser um membro de essa ajuda pra desmistificação desses tabus.



Era essencial que houvesse mais desse tipo de projetos

Era essencial que houvesse mais desse tipo de projetos. Não só relacionado a violência de género, mas também, claro, relacionado com muitos outros temas, como identidade de género, sexualidade, ou até mesmo temas diversos, ou até mesmo a política, porque há imensos jovens que não se entendem na política, mas é necessário, porque já estão próximos a ficarem futuros adultos, ou até mesmo religiões.

Eu acho que era importante que houvesse, eu não digo uma disciplina, porque acho que não seria necessário ter esse estatuto de disciplina, mas que houvesse durante todo o ano letivo momentos contínuos, digo, por exemplo, um por semana, que é para termos um fio condutor que é para podermos abordar vários temas. Por exemplo, um mês, durante o mês de setembro e outubro tínhamos alguém que falava sobre política connosco. Todas as semanas tínhamos uma sessão sobre posicionamento político, os diversos partidos que existem, aquilo que nos identificamos. Isso tudo relacionado

aos alunos. Uma coisa muito mais dinâmica e não só exposição, seria interessante que houvesse comunicação com os alunos e com a busca da identificação do aluno com o tema. Uma parte importante é a partilha mútua de informação. E seguindo assim os meses até ao final do ano sempre havendo um tema, uma instituição e um grupo, que viesse cá, procurar ensinar algo que devesse ensinar, mas que viesse a procurar também que o aluno se passasse a identificar com o projeto e não só que aprendesse com ele. Eu acho que a aprendizagem é muito mais fácil se o aluno estiver inteirado no tema. Se ele estiver de uma forma geral dentro do tema, e que ele tenha o conhecimento e a experiência.



porque não são só os alunos que têm de aprender, todos nós aprendemos, seja em que fase da vida for

Eu acho também que um programa tem que ser dinâmico, um programa tem que ser de partilha mútua. Em segundo lugar, eu acho que teria que haver, claro, sempre que alguém estivesse dentro do assunto, claro que não poderia ser um grupo de alunos ou de professores que não estivessem a autoridade na matéria, teria que ser alguém que estivesse integrado no tema e que soubesse realmente especificidades do tema. Acho que seria muito interessante esse espeto. Em terceiro lugar, deveria ser alguma coisa não direcionada só aos alunos, seria muito mais interessante ser direcionado a todos os docentes, sejam eles professores, secretários, da secretaria lá da escola, auxiliares, senhores da limpeza se fosse necessário, mas eu acho que direcionado a toda a comunidade escolar e toda a parte escolar, porque não são só os alunos que têm de aprender, todos nós aprendemos, seja em que fase da vida for. Eu não concordo que burro velho não aprende línguas, eu acho que burro velho tem toda a capacidade de aprender línguas, se quiser. E de aprender o que ele quiser. Então, se nos projetos aparecesse lá um senhor da limpeza, eu acho que seria muito mais interessante do que só direcionado aos alunos.



Eu chamo-me Lina

Eu chamo-me Lina, tenho 16 anos. Neste momento frequento a Escola Secundária de Oliveiras, estou no 11º ano, mas quando frequentei o Projeto estava na Escola Secundária de Pereiras. Meus pais são ambos bancários e eu vivo em Oliveiras. Os meus pais nunca foram de estudar comigo porque não conseguem explicar, mas sempre se preocuparam muito. Não me conseguem explicar, mas pagam explicações para mim



foram os anos da minha vida escolar que eu mais gostei

Eu gostei do Projeto, pelo menos na minha opinião, foram os anos da minha vida escolar que eu mais gostei porque era da mesma turma que as minhas melhores amigas, eram quatro. Acho que foram os melhores anos do meu percurso escolar. Eu dava-me muito bem com os professores e tinha muito boas notas. Agora no secundário eu baixei um bocado, mas está tudo bem.



Nem todas as pessoas se veem da mesma maneira

Acerca do Projeto, sempre que eu tinha uma sessão, fosse qualquer do assunto, à noite, quando fosse sentar para o jantar, falava sempre com eles e discutíamos sobre os assuntos que falavam nas aulas. A nossa participação no

⁷ Todos os nomes de pessoas, localidades e instituições são fictícios e foram inseridos no texto para assegurar melhor dinâmica à leitura e, também, a anonimização dos/as participantes.

Projeto foi voluntária, quem não quisesse, não participava. Mas eu sempre tive muito interesse em fazer. Acho mesmo que a experiência que mais me marcou sobre o Projeto foi o teatro, que nós fomos fazer ao Multiusos da cidade. Eu disse logo que participava, estudei tudo e aprendi muita coisa, com a Joana [técnica-facilitadora do Projeto]. Até hoje falo com ela pelas redes sociais.

[sobre os temas mais relevantes] Eu lembro-me das diferenças de géneros e de como há géneros que não se identificam com o feminino ou com o masculino. Aprendi muito sobre isso. Não sabia de nada sobre isso! E foi muito bom na altura da minha vida em que foi. Eu estava a crescer e a entender mais sobre isso e entender que nem todas as pessoas são iguais. Nem todas as pessoas se veem da mesma maneira e tudo isso foi muito bom. Participei do Projeto no sétimo, oitavo e nono ano. Metade do nono ano foi em casa, mas mesmo assim, participamos das conferências. Mesmo em casa, foi bom ter participado das conferências. Eu acho que as atividades práticas [são fundamentais], por exemplo naquela altura, naqueles anos de escolaridade nós éramos muito inquietos, e ficar só a falar nem sempre era suficiente para toda a gente. Para que todos pudessem entender havia uma coisa que a Joana fazia que eram vários jogos, formas de aquilo tudo nos chegar, e acho que isso sim é muito bom. Acho que devia ser feito em toda a escola por toda a gente. E as atividades de teatro...



Eu acho que o Projeto devia estar em todas as escolas, e a todos os alunos

Eu diria que o Projeto mudou muito a minha forma de pensar sobre tudo, sobre a diferença de géneros e, claro, aconselharia. Eu acho que o Projeto devia estar em todas as escolas, e a todos os alunos. E realmente sinto pena de quem não chegou, porque realmente eu aprendi muito com isso e eu queria muito que toda a gente aprendesse com isso. Mesmo adultos, não só jovens, eu acho que muitos adultos têm um ponto de vista que é muito

errado, que não respeita muita gente. E fico feliz por estarem a mudar isso nos jovens.



eu estou sempre a debater com as pessoas e a tentar ensinar mais sobre isso

Sobre os projetos profissionais para o futuro, ainda não tenho muita ideia do que vou seguir. Eu estou no curso de Ciências com Geometria Descritiva. Então, se calhar, alguma coisa com engenharia ou arquitetura. Mas uma coisa que eu sinto que mudei em relação a depois de ter participado no Projeto, pois sempre que há assuntos mais sociais sobre seja o que for, feminismo, seja o que for, eu estou sempre a debater com as pessoas e a tentar ensinar mais sobre isso. No entanto, eu tenho dois primos mais novos e tô sempre a falar sobre esses assuntos, que não são todos iguais e que temos que respeitar toda a gente como são. E acho que é mais por aí, eu sinto que mudei muito com isso, quando percebo que alguém está a dizer alguma coisa, não que seja errada, mas que eu sinto que não está a respeitar a outra pessoa, ou que não é aquilo que eu penso, eu tento sempre dar a minha opinião, claro, de forma respeitosa e sempre cuidadosa, mas tento, talvez, mudar o ponto de vista da pessoa.



Não é o que eu quero, mas por agora é onde eu estou

Eu sou Ângela, tenho 18 anos, sou do género feminino. Neste momento estou na faculdade, na Escola Superior, estou a tirar o curso de Terapia Ocupacional. Não é o que eu quero, mas por agora é onde eu estou. Eu moro com a minha mãe. A minha mãe, neste momento, trabalha num posto de gasolina e o meu pai trabalha nos correios.

Eu sou uma pessoa muito comunicativa, então, posso dizer que tenho muitos amigos e que estava sempre em altas aventuras. Com os professores também tinha uma boa relação. Claro que há sempre um ou outro professor que realmente não corre tão bem, mas não há assim nada de extraordinário. As minhas notas estiveram entre o bom ou muito bom, sempre à volta disso e havia algumas disciplinas que não estava tão bem, outras que estava bastante melhor. Por isso, posso dizer que meu desempenho na escola na altura do Projeto era bom, era típico de uma aluna normal.

Na minha escola havia um Projeto que depois passou a ser o Projeto [nome do projeto]. Eu ainda cheguei a apanhar os dois. De resto, acho que era isso, acho que este era esse o único projeto que minha escola tinha mais relacionado com estes assuntos [da prevenção da violência de género].



tudo que eu faço é mais a volta da minha mãe

Os meus pais são separados, eu vivo só com a minha mãe, por isso tudo que eu faço é mais a volta da minha mãe, ela é que se preocupa mais.

⁸ Todos os nomes de pessoas, localidades e instituições são fictícios e foram inseridos no texto para assegurar melhor dinâmica à leitura e, também, a anonimização dos/as participantes.

Então, eu na altura contei-lhe. A minha mãe sempre foi muito ligada à escola, comigo sempre se preocupou. E nós temos uma relação muito aberta, então sempre que eu chegava à casa, perguntava-me: então, como correu a escola? E eu contava-lhe tudo direitinho.

Então, quando o Projeto começou a acontecer na escola, eu contava-lhe sempre, e dizia: Olha aconteceu isto e isto. E a minha mãe, como é uma pessoa também, ‘avançada’, porque ela entende bem estes assuntos e gosta de falar sobre estes assuntos, ela sempre teve interesse por este Projeto, sempre achou muito interessante! É por isso também que agora, neste momento, ela gosta que eu fale sobre isto e que esteja também dentro destes assuntos. E na altura, ela ficava muito interessada quando eu fazia aqueles teatros [referindo-se às peças artísticas que integravam a atividade final anual do Projeto]. Ela gostava de ir ver, mas às vezes não era possível, porque aquilo era só para os alunos. E sim, ela sempre teve muito interesse nisso. Mesmo quando eu comentava com outras pessoas da minha família, achavam muito interessante. Por isso, sim, a minha mãe está muito ligada à escola e a este tipo de projeto.



para mim, foi uma das melhores experiências que a escola teve

Eu lembro-me que, na altura, eu acho que foi o nosso diretor de turma que disse que iríamos iniciar o Projeto, quem é que concordava, quem é que não concordava, se autorizávamos certas coisas, para fazer aqueles questionários que nós fizemos algumas vezes. Por acaso, os questionários eram muito interessantes, e fazíamos sempre logo quando elas voltavam, fazíamos sempre um questionário, acho que ao final do Projeto também fizemos. Nestes questionários nós dizíamos o que pensávamos e era anónimo. E então, parece que tínhamos aquele à vontade para contar aquilo que sentíamos, tinha também muito a ver com a violência no namoro, tinha a ver com o racismo e com aqueles assuntos que abordamos.

Eu pessoalmente conto tudo a toda a gente, não tenho problema nenhum, mas acredito que haja pessoas que não tenham essa à vontade e que naquele momento conseguiam, se calhar, desabafar ali. Portanto, eu não sei se é considerado voluntário, acho que sim, porque nós todos quisemos estar no Projeto, apesar de que foi algo que foram os nossos professores que decidiram que nós pertencêssemos, ou, se calhar, foram os diretores da escola. Vieram duas raparigas [técnicas-facilitadoras do Projeto]. Porque nós estávamos mais com uma delas, a outra turma é que estava mais com a outra. Eu pessoalmente estive mais com uma delas e ela era bem comunicativa, particularmente parecida comigo. Então nós demo-nos muito bem desde o início. Eu sou suspeita para falar, porque para mim foi uma das melhores experiências que a escola teve.



isso são assuntos que nós devíamos de falar desde cedo

Foi a melhor coisa que a nossa escola poderia ter feito, foi ter posto aquele Projeto, sem dúvida! Eu até acho que poderia ter começado um bocadinho antes, eu não sei em que ano é que começou. Mas eu achei que podia ter durado mais tempo. Se calhar para frente, não. Mas a homossexualidade, violência no namoro, racismo, isso são assuntos que nós devíamos de falar desde cedo e até mais tarde - porque acho que pode-se envolver aqueles pais que tem muito aquele tabu que não falam com as crianças sobre isso. E, na escola, há sempre aquela coisa de: ‘ah, pronto, os pais não estão aqui, então estamos finalmente à vontade para falar sobre isto’, para falar com as próprias pessoas do Projeto que estão ali connosco.

E com os professores, normalmente, não temos tanto isso, porque os professores, são um bocadinho mais velhos, mais retrógrados, normalmente não percebem da situação. Eu, na minha turma, não ficava à vontade de falar desses tipos de situações. Até acho que alguém que estivesse passado por este tipo de situação, acredito que teria o à vontade para falar com a técnica do

Projeto sobre a situação e informar-se com ela se poderia fazer alguma coisa, se poderia resolver o assunto - que não tem propriamente resolução.



Parece que não, mas ficamos a entender melhor através da criatividade e da diversão, apesar de serem assuntos sérios

O tipo de atividade que nós fazíamos, porque o Projeto era feito durante a aula de cidadania. Então, eram mais ou menos 50 minutos cada aula. No máximo eram, tipo, 100 minutos, que eram quase 2 horas. Normalmente a técnica chegava e nós começávamos a falar sobre um assunto e ela dizia: ‘olha hoje nós vamos falar sobre o racismo, hoje vamos falar sobre a violência no namoro’, por exemplo. E às vezes ela mostrava-nos alguns vídeos, fazíamos algumas atividades, mas, na verdade, aquilo que nos motivava mesmo, aquilo que me motivava mesmo era começar a preparar o teatro para o final do ano, ou o vídeo.

Nós normalmente fazíamos mesmo o teatro. A minha turma fez teatro em todos os anos, porque nós adorávamos teatro! Então, fizemos sempre. Eu, pessoalmente, era uma pessoa que dirigia o teatro, criava as coisas, por isso pra mim era sem dúvida a melhor coisa da escola naqueles momentos. Normalmente, no nosso teatro abordávamos os temas todos que falávamos ao longo do ano. Tínhamos sempre sobre a homofobia, a xenofobia, tentávamos abordar todos os tipos de temas possíveis, para depois demonstrar aos outros alunos no final do ano.

Eu acho que o Projeto nisso esteve muito bem, porque é uma maneira de chamar por nós. Porque é difícil chamar pelas crianças. Naquela altura, para ter atividades interactivas que não sejam secantes, que não fiquemos: ‘prontos, alguém vem falar mais uma vez sobre este assunto’. Porque, às vezes, é normal, é um pouco repetitivo, os temas. Não é que não haja muitos, há bastante, mas acaba por ser um pouco repetitivo. Mas quando pegam em atividades para falar sobre estes temas, eu acho que se torna muito mais

interessante. Parece que não, mas ficamos a entender melhor através da criatividade e da diversão, apesar de serem assuntos sérios.



Eu sempre fui e considero-me feminista

O projeto para mim foi importantíssimo. Eu pessoalmente já era uma pessoa que tinha muita noção neste tipo de temas. Eu sempre fui e considero-me feminista, eu sempre que posso, defendo os direitos das mulheres. Mas principalmente a igualdade, que é o que geralmente as pessoas não entendem. E nós tínhamos muitos debates nas aulas porque tínhamos sempre aquelas pessoas que não entendiam isso. E acho que ali os debates sempre eram bons. Porque a formadora acabava por ser a mediadora, para não acabarmos aos berros uns com os outros e tentar se chegar a um consenso. Mas acho que era bom que cada pessoa podia dar sua opinião uma às outras e ouvisse a opinião dos outros e tentasse chegar a um consenso. Explicar o que era de fato aquilo. Porque eu lembro-me que havia muitas pessoas que ainda consideravam, e ainda há, eu vejo imensa gente, que considera o feminismo, as mulheres sobreporem-se aos homens. E não é nada disso, são pessoas que claramente não estão informadas e que, a minha turma que pertenceu ao Projeto não pode falar que não foi informada, porque falamos sobre isso "n" vezes, não há como dizer que não estão informadas. E eu acho que isso é muito importante.



o Projeto fez-me ter a minha opinião... fez com que eu não seja uma pessoa influenciável

Eu sinceramente acho que o Projeto e também, claro, a educação que eu tive, mas o Projeto fez-me ter a minha opinião, a minha ideia sobre este

tipo de assuntos. E fez com que eu não seja uma pessoa influenciável. Se alguém me vier com uma opinião contrária, eu vou dizer "ah sim, se calhar é até isso", não. Eu aprendi e sei muito bem as coisas como elas são, pelo menos do meu ponto de vista. E vou sempre defender a minha ideia, e vou sempre defender o que eu acho que é correcto. E vou sempre tentar transmitir isso ao máximo de pessoas que eu conseguir!

E eu faço muito isso porque eu dou-me com crianças mais novas, eu tenho um irmão mais novo. E eu estou sempre que posso a transmitir-lhe isso, e a transmitir às outras pessoas aquilo que me ensinaram a mim e acho que também seria importante outros tipos de iniciativas parecidos com o Projeto serem espalhados pelo maior número de escolas para estas crianças poderem aprender a importância destes assuntos, e aprenderem a partilhar com outras crianças que, se calhar, não têm acesso, como eu tive, a este Projeto. Tem que ser algo muito visual, porque falar, falar, as crianças não nos vão ouvir. Acho que tem que ser tudo a base de vídeos, a base de teatro, tal como foi o nosso. Os debates são muito importantes, mas sempre com muito respeito a cada um, sem desrespeitar o outro.

Para mim, como o Projeto foi tão bom, eu não vejo para além do que é que se poderia fazer mais para além do que nós fizemos. E sempre usar exemplos reais também poderiam ser usados e eu não sei se não nos chegaram a mostrar alguns na altura do Projeto, talvez porque também possa ser um pouco chocante para aquela idade. Eu estou a falar agora, porque eu tenho 18 anos. Mas não sei se naquela altura não seria um pouco [forte]. Não sei se, por exemplo, poderia ser forte para algumas pessoas. Se calhar para outras ainda as poria a entender melhor que aquilo é real, que é uma coisa que acontece. Então, com os rapazes, principalmente, estar só a falar, que aquilo lá acontece, eles deixam passar assim um bocado a lado. Talvez um testemunho de alguém que passou por situações reais e que poderia não chocar no mau sentido, mas chocar em um bom sentido as crianças [no sentido de marcar positivamente].



Eu acho que eu realmente me tornei uma pessoa melhor

Foi uma experiência incrível e que eu acho que é um sítio, um momento, em que nós podemos nos sentir à vontade para dizer aquilo que pensamos, aquilo em que acreditamos sem ter sempre a opinião dos pais em cima de nós, quem tem os pais um pouco mais controladores. Porque havia pessoas na minha altura que ficavam: "ah, mas a minha mãe" ou "o meu pai é um pouco machista" ou, digamos, um pouco retrógrado. Acho que as pessoas conseguem libertarem-se naquele momento e entregarem tudo naquele momento. Porque eu fiz assim, eu entreguei-me completo, dei tudo que tinha a dar, principalmente nos teatros e nas atividades que fizemos. E isso ajudou-me imenso. Eu acho que eu realmente me tornei uma pessoa melhor, e acho que toda a gente, acredito, que concordem com aquilo que é dito, poderão crescer muito mais como eu cresci.



no futuro eu gostava de fazer algo importante relacionado com o feminismo

Acho que tínhamos sempre uma pergunta, eu acho que era no final dos questionários, a dizer "No futuro, o que que nós gostaríamos de fazer que fosse importante". E eu sempre escrevi que no futuro eu gostava de fazer algo importante relacionado com o feminismo, relacionado com a violência no namoro, eu gostava de poder pertencer a um Projeto, eu gostava de pertencer a algo em que eu ajudasse e compartilhasse esta opinião que eu tenho e que eu acho que está correcta, pelo menos no meu ponto de vista, para um maior número de pessoas e poder ajudar as pessoas o quanto eu pudesse.



Eu sou o Marcus

Eu sou o Marcus, tenho 18 anos, sou do género masculino, estou atualmente a estudar o 12º ano num curso profissional, já poderia estar na faculdade, sim, mas fez-me bem reprovar um ano. Cá em casa geralmente costumo estar eu, minha mãe e minha irmã... meu pai não tanto, mas está sempre presente, claro. Ele está a trabalhar fora, na Irlanda. Os meus pais trabalham. A minha mãe é secretária de uma empresa e o meu pai trabalha em eletricidade industrial. Daí também eu querer seguir esta área. Eu quero seguir os passos dele.



eu nunca fui um aluno que gostasse da escola...

Sou sincero, eu nunca fui um aluno que gostasse da escola. Para mim é um bocado perda de tempo... mais pelo formato das aulas. Porque eu vejo em outros países, e sei disto, que eles aproveitam a manhã para terem aulas e à tarde para outras coisas, para se "prepararem para a vida". E eu acho que é uma perda de tempo termos um horário... principalmente eu, no meu caso tenho um horário das 8h15 até às 16h15, todos os dias desde o 10º ano e acho que é um bocado sobrecarregado, se bem que isto nos prepara para o trabalho, não é?

Eu fiz a primária numa escola, fiz o segundo ciclo e o terceiro noutras... fui alternando. Neste caso, a facilitadora do projeto estava lá a dar aulas e ela sabe como funcionava. Porque, até o nono ano era numa escola,

⁹ Todos os nomes de pessoas, localidades e instituições são fictícios e foram inseridos no texto para assegurar melhor dinâmica à leitura e, também, a anonimização dos/as participantes.

eu reprovei no oitavo ano e neste espaço de tempo eu andei nas duas. Estive em quatro escolas até hoje e notei uma diferença bastante grande, por acaso. Nas primeiras era mais familiar, os meus pais também são daquela zona e a escola era pequenina, nós nos conhecíamos a todos. Quando eu me mudei para a outra escola, parecia os liceus das séries juvenis, têm muita gente e posso lhe dizer que eu só comecei a conhecer algum pessoal este ano e já ando lá há alguns anos. A escola é muito grande mesmo, tem mais de 1200 alunos. Os professores são mais exigentes aqui, notei esta diferença. Mas consegui me ambientar fácil a esta escola, e os alunos também são todas pessoas "porreiras", pronto!



nos divertíamos a aprender temas que são muito importantes de abordar

Era diferente da escola, porque, lá está... nós víamos no projeto uma maneira de nós nos refugiarmos do cansaço escolar. Era uma aula de noventa minutos em que, basicamente, nos divertíamos a aprender temas que são muito importantes de abordar.

Nos primeiros tempos, nós tínhamos sempre um seminário que era no final do ano em que nós íamos apresentar a várias escolas um teatro, ou uma música, ou um poema... algo que nós tivéssemos produzido. E quando digo “nós” refiro-me à turma em geral. E nós tínhamos mais ou menos 3 meses ou mais de aulas, eram aulas, mas não eram, eram palestras. A professora falava connosco, explicavam-nos as coisas, nós discutíamos... e, depois, nas últimas sessões nós fazíamos sempre uma votação daquilo que queríamos fazer, se era uma música, um teatro, um filme, e ficávamos um ou dois meses ensaiando e depois íamos em ação! Eu acho que era muito educativo isto.

Nós, na escola, quando vemos uma professora mais velha tentamos ter o máximo de distância e respeito, já com as técnicas do Projeto, como elas eram mais novas, acabamos por ter outra confiança e eu acho que isto foi um bom indicador, algo positivo do Projeto para que nós nos

empenhássemos mais no e sentíssemos que não estávamos a ser supervisionados. Se bem que também, nestas aulas, tínhamos sempre a presença do nosso diretor de turma, porque as sessões eram durante as aulas de Educação para a Cidadania.

Quanto aos temas, todos me chamaram atenção porque eu sou uma pessoa que gosta que justiça seja justa! E naquela altura apanhou-me numa idade em que eu estava a começar a ler mais as notícias e a entender melhor o que se passava no dia a dia e eu tinha interesse nisto. E os temas eram violência doméstica, o bullying, falávamos muito disto... as diferenças de géneros também e, acho que nestes quatro anos foram estes temas que abordamos. Eu já sabia o que era o bullying desde miúdo porque eu fui vítima de bullying e já sabia o que isto era. Mas violência no namoro, por exemplo, só ouvi falar mais ou menos a partir do sétimo ano que foi quando começamos a amadurecer e falar destas coisas.

Na minha primeira turma, nos meus primeiros dois anos eu não fui ao seminário. Não fui não sei por qual motivo, não me lembro, mas lembro que a minha mãe não me deixou ir. No segundo ano comecei a perceber melhor como eram as coisas, e convenci a minha mãe, fiz a cabeça dela para me deixar participar tanto que já conhecia a professora e eu era basicamente o delegado da turma, já sabia como a professora trabalhava, portanto, era o porta-voz dela com a turma. As pessoas se envolviam, no geral as duas turmas em que estive interagiam bastante com o projeto. Nós fizemos duas peças de teatro e foram fixas as duas!

Eu acho que para toda a gente a melhor parte do Projeto era o seminário! E acho que para todos é a mesma coisa! Lembro-me perfeitamente das viagens. E este momento era importante para a turma, era um momento em que nos divertíamos e estávamos fora da escola, não estávamos sob aquela pressão dos professores. Não tínhamos todos os professores da escola a verem-nos, a penas alguns. Era um momento diferente. E para não falar da viagem também... qualquer aluno gosta de ir de autocarro para algum sítio, nem que seja para o outro lado da rua da escola. A viagem é quase a melhor parte do momento!



Mas até hoje eu sou assim, mais fechado

O bullying é que foi a partir do primeiro ano, mais ou menos. Agora eu consigo conversar em casa sobre isto. Porque eu tenho uma irmã mais nova, uma diferença de quatro anos, e já tenho um bocado a noção do que passei e do que quero que ela não passe. E, claro, à mesa principalmente eu e meus pais costumávamos falar muito sobre isto, sobre estes temas. E pronto... para também preparar a minha irmã para a vida, especialmente por ela ser uma rapariga. Eu sou um rapaz e sei como as coisas funcionam! Mas até hoje eu sou assim, mais fechado, eu acho que não consigo confiar em ninguém, sou uma pessoa que fica muito atrás. Na minha turma... não havia ninguém. Tinha uma amiga mais ou menos, que agora ainda é minha melhor amiga, mas acho que não confiava mais em ninguém.



os tempos eram outros antigamente...

Eu acho que tem um bocado de diferença entre as gerações, porque os tempos eram outros antigamente, por exemplo, em termos da diferença de género não se via tantos homossexuais e isto antigamente. Agora vê-se mais porque as pessoas começam a ter mais liberdade, a se mostrarem mais e assumirem as suas identidades sem receios. Serem eles próprios sem ter receios. E acho que isto assusta um bocado as gerações passadas. Eu não tenho problema nenhum, desde que a pessoa seja feliz é o que interessa. E tem muito a ver com o Projeto, porque aprendemos a lidar com várias situações da vida, do dia-a-dia. Eu fiquei no projeto por quatro anos, tive sorte!



Então comecei a perceber as coisas

Eu sou sincero, jogo futebol a nível amador e jogo desde, desde que me lembro de tocar numa bola eu comecei a jogá-la, desde os meus 4 anos de idade e até aos meus 13 ou 14 anos de idade eu queria ser um Ronaldo, queria jogar, queria fazer do futebol a minha vida. Mas comecei a aperceber-me de muitas coisas, que para seres jogador não é preciso apenas talento, é preciso ter alguém que te apoie. A minha família me apoia bastante, mas isto não chega porque é preciso ter alguém por trás a manipular. E é uma coisa que não gosto, porque sou uma pessoa muito livre! Tive momentos bons, sim, pensava que chegaria a algum lado com o futebol, mas então com a pandemia as coisas começaram a desmoronar, a motivação começou a desaparecer e já não é a mesma coisa. Então comecei a abrir meus olhos para a escola, porque eu nunca fui um aluno excelente, lutava apenas para ter o suficiente, mas isto era uma coisa que afetava muito os meus pais, eles davam-me muito na cabeça e eu percebo, porque os pais sempre querem o melhor para os filhos. E comecei a ser acompanhado por uma psicóloga, para decidir o que é que eu iria seguir e tinha na cabeça que "ok, vou fazer um curso profissional, estou no futebol, vou para fora jogar", mas isto eram tudo sonhos de puto.

Então comecei a perceber as coisas, comecei a perceber como é que tudo funcionava e que a vida não é fácil, não é tudo um mar de rosas e comecei a perceber que se quero ter alguma coisa, tenho que trabalhar. E comecei a falar com meus pais sobre isto e disse à minha mãe, "mãe, humanidades e línguas está fora de questão, agora deixa-me escolher entre desporto e área de informática" e ela deixou-me escolher e eu escolhi a área do meu pai. E agora comecei a ver as coisas a andarem bem, porque já vou começar a estagiar no próximo mês e, é isto. Vejo-me um homem trabalhador, simples, honesto e o mais sincero possível. E acho que desde que tenha saúde, está tudo bem, é o que digo sempre, quanto mais dinheiro mais dificuldades temos.



Há pessoas muito nojentas neste aspeto, que precisavam ter passado pelo Projeto

O Projeto ajudou-me bastante porque cada vez mais, na nossa vida, estamos a lidar com estes temas. O racismo, por exemplo, eu acho isto muito estúpido! Eu tenho muitos amigos de cor, e meu pai trabalhou muitos anos em Angola e a primeira coisa que me disse quando de lá voltou é para nunca faltar com o respeito a pessoas de outra etnia. E acho que isto vai ser um assunto ainda muito debatido. É um assunto um bocado estúpido, porque todos somos seres humanos e temos todos direitos e somos todos iguais.

No desporto há muito racismo! Muito, muito, muito. Eu já vivi episódios disto... eu na altura jogava num clube e era um clube mais a nível nacional, são dos grandes de Portugal, e nós fizemos um jogo contra uma equipa sénior e eu na altura tinha entre 15 e 16 anos e o meu parceiro na defesa era de cor. E estávamos a ganhar, e eles todos lixados começaram a imitar barulhos de macacos e isto tudo e eu fiquei um bocado perturbado por isso! Há pessoas muito nojentas neste aspeto, que precisavam ter passado pelo Projeto.



em jovem é que se começa tudo

Devíamos chamar a atenção mais das idades jovens, porque é aí que começa tudo, em jovem é que se começa tudo. E neste momento devíamos chamar mais a atenção sobre a desigualdade de género, porque acho que uma coisa que neste momento anda a ser muito falado e precisa ser debatido. Estes projetos devem ser algo continuado no tempo, sem dúvida alguma, faz muita diferença porque lá está, eu como aluno falo por experiência própria, porque uma palestra é apenas um momento que vamos faltar as aulas. No

projeto já não é assim, começámos a compreender o projeto e ganhar gosto naquilo e reforçar as ideias e conceitos.

Eu acho que ter momentos separados é importante também, porque rapazes tem visões diferentes das raparigas, são diferentes e há assuntos que nos sentimos mais à vontade quando estamos apenas entre rapazes. Seria ainda mais proveitoso e conseguiria chegar-se mais ao detalhe nas discussões também. Eu gostei muito da experiência do projeto, foi uma experiência única, que me fez bem e ajudou a libertar-me da pressão que eu tinha quando sofri bullying e ajudou-me a perceber melhor as coisas, participaria novamente sem dúvida alguma!



Eu me chamo Lara

Eu me chamo Lara, tenho 17 anos feitos mais ou menos há um mês. Ando no 11º no curso de ciências e tecnologias com biologia, com o sonho de ser médica desde o 5º ano. Dou-me pelo género feminino e vivo com meus pais e meu irmão. A minha mãe é técnica de saúde e esteve nestes últimos anos na linha da frente contra o COVID-19 e o meu pai trabalha numa empresa de construção, é o chefe de carpintaria.



Eu, desde muito nova, decidi que queria ser médica

Eu e meu irmão desde pequeninos gostávamos de ir aos médicos, nós somos o contrário das outras crianças pois elas consumam odiar os médicos e nós adoramos os médicos. Acho que também foi muito por influência da nossa avó que trabalhava num hospital e nós íamos muito para o ambiente hospitalar, então acho que ganhei o gosto pela saúde a partir daí. E como gosto muito de crianças, também gostava de ir para a pediatria. Eu, desde muito nova, decidi que queria ser médica, não sei como, mas desde o meu quarto quinto ano digo que quero ser pediatra, sempre lutei por ter notas para isto mesmo que agora no secundário seja um bocado mais complicado, mas o sonho sempre esteve lá e foço os possíveis e os impossíveis para realizar este sonho.

¹⁰ Todos os nomes de pessoas, localidades e instituições são fictícios e foram inseridos no texto para assegurar melhor dinâmica à leitura e, também, a anonimização dos/as participantes.



eu notei muitas diferenças indo do básico para o secundário

Eu andei em várias escolas, os primeiros quatro anos andei num colégio, depois andei num infantário por dois ou três anos, depois numa escola primária, depois andei na escola Oliveiras e agora no secundário foi para a escola secundária em que estou hoje. E eu notei muitas diferenças indo do básico para o secundário, ou seja, eu estava habituada a professores que, eu não sei se isto tem a ver com a maneira de eles estarem ou a maneira de ensino, notei que no nono ano tinha professores muito abertos e preocupados connosco e agora cheguei ao secundário e não noto tanto isto neles. Noto que alguns professores só se interessam mesmo pelo ordenado e acho que isto é um bocado mal, sendo que no nosso curso o foco é demasiado nos exames, em cumprir o programa deles. Eu acho que eles ao quererem seguir o programa, e eu entendo que tenha de ser assim porque é algo estipulado pelo plano nacional, mas ao fazerem isto estão a pôr muita pressão sobre nós e não estão a preocupar-se connosco e isto afasta-nos dos professores e não dá para gostarmos deles assim.

Em termos de não gostarmos dos professores, nós todos não gostámos, é unânime porque eles têm atitudes connosco que ninguém gosta. Mas nós temos uma competição saudável nas notas, que nos faz evoluir e querer ter melhores notas, mas acho que a competição é saudável e não prejudicial a nós. Nós nos ajudamos, e isto existe em nós. Por exemplo, trocamos resumos e materiais, nós conversamos e tentamos ajudar uns aos outros da melhor forma.



irrita-me profundamente que o nosso sistema educacional só liga às notas

Os meus pais estão sempre atentos às minhas notas, mas não me metem muita pressão, acho que quem mete mais pressão sou eu em mim mesma, e acho que às vezes nem é saudável. Mas meus pais percebem que não podem meter pressão em mim porque senão eu vou explodir, eu acho que eles entendem que há certos limites e que eu própria estou a puxar por estes limites. Para o sistema, irrita-me profundamente que o nosso sistema educacional só liga às notas, à parte teórica e não prática, porque há muita gente que sabe dizer tudo que está nos livros, mas é muito mal em parte prática. Por isso é que alguns profissionais de saúde não deviam ser médicos... ou outros professores não deviam ser professores porque não o sabem ser na prática. Nós falamos muito mal dos Estados Unidos, mas eles fazem entrevistas aos alunos e só aceitam os alunos com base nestas entrevistas. Ou seja, eu acho que o nosso sistema educacional é bom, mas poderia melhorar. Falta muito, por exemplo, eu sinto que há professores que não queriam ser professores, mas só o são porque não tinham outra coisa para ser. Há pessoas que não nasceram para ser aquilo que são.



Eu acho que o Projeto era diferente

O meu contacto com o Projeto foi no sexto ano e eu participei junto com alguns colegas meus, eu e mais três acho eu, fomos desde o sexto até ao nono. Eu acho que o Projeto era diferente e acho que este Projeto também deveria acontecer principalmente no secundário porque muitas das situações que falamos no Projeto acontecem muitas vezes no secundário. Porque eu tive estes temas no básico, mas há muita gente que não e, se calhar, se o tivessem agora no secundário notavam melhor e apercebiam-se das situações que estavam a viver. É um bocado mal no secundário não haver a

disciplina de Educação para a Cidadania, mas mesmo se houvesse não haveria tempo para ela, porque eu vejo hoje que já não tenho tempo para nada e adicionar mais uma seria complicado. Mas, se adicionar a disciplina significasse ter o Projeto, então eu preferia adicionar a disciplina. Porque acho que é um Projeto que nos abre a mente, que podemos falar de assuntos que, se calhar, noutras disciplinas não podemos por causa dos programas ou porque há professores que não gostam de falar disso porque estes temas ainda são tabus. Eu senti que a minha turma antiga, quando estávamos dentro da sessão do Projeto a minha turma toda era muito comunicativa, e gostava de expressar sua opinião e dizer o que achava de cada assunto. Obviamente que as opiniões não eram iguais, eram muito diferentes, mas conseguíamos discutir o porquê de determinada opinião não ser a mais correta. Por isso eu acho que este Projeto é diferente daquilo que temos no nosso sistema educacional.

Eu lembro-me que no último ano do meu Projeto eu namorava com um rapaz e o tema da violência no namoro já me despertava algum interesse, mas é mais no secundário que as pessoas começam a namorar, terem relações, principalmente relações sexuais. E, também, por exemplo a homofobia, porque muita gente só se descobre no secundário, qual é a sua direção sexual, e daí falar sobre isto, sobre a violência entre pares é fundamental. Falar nestes assuntos é necessário especialmente no secundário porque é quando temos as nossas hormonas todas aos saltos, e precisávamos de alguma orientação a mais de pessoas adultas que saibam do que falam. E poderia ser um momento para nós relaxarmos... porque o Projeto era isto, eu me lembro, nós íamos para as sessões já muito relaxados, descontraídos, pensando no que íamos falar e depois quando chegávamos ao final do ano e fazíamos o momento artístico empenhávamo-nos todos a fazer e este era um momento em que nós relaxávamos, não tínhamos de pensar nisto como algo a valer notas. Era um momento para relaxarmos e nos divertirmos enquanto turma, sem sentir a pressão das notas.



Podia não ser a coisa mais bonita ou perfeita, mas tínhamos lá o nosso contributo

Eu lembro-me, não sei bem se foi no sexto ou sétimo ano, que nós fizemos um jogo em que estávamos divididos em grupos e ficamos a saber sobre muitas coisas, sobre o Dia da Mulher. Eu por acaso já sabia da história porque a minha avó já me tinha contado e conta-me várias vezes a história e eu me lembro que a minha equipa ganhou e ficámos eufóricos. E outro momento que me lembro perfeitamente era quando nós íamos ao multiusos da cidade para apresentar para as turmas aquilo que tínhamos feito e preparado. Podia não ser a coisa mais bonita ou perfeita, mas tínhamos lá o nosso contributo para aquele espetáculo e acho que aquilo foi o mais marcante para nós todos. No oitavo ano foi das únicas viagens que fizemos de estudo, que fomos ao multiusos da cidade e nós irmos para lá e voltarmos para casa foram das viagens que nos marcaram a todos!

Toda turma se envolvia, obviamente uns mais que outros. Por exemplo, eu era a pessoa que fazia tudo, os guiões, eu sou muito mandona, eu gosto de ter as coisas ordenadamente e não gosto de depender de ninguém. Então eu fazia muitos guiões para os colegas, era das partes que eu mais gostava de fazer e preparar também as coreografias, porque nós fazíamos danças! E preparar a posições de falas, e entradas das pessoas! Claro que no dia não corria tudo a mil maravilhas, eu ficava uma pilha de nervos, mas só de fazer aquilo e depois estarmos ali a desfrutar do momento era muito bom!



depois que iniciei o Projeto já comecei a saber mais coisas

Como eu comecei muito cedo no Projeto, no sexto ano, foi lá que ouvi sobre isto pela primeira vez porque era muito nova, ainda não tinha a noção de que existia a homofobia, a violência no namoro. Se calhar, a violência doméstica eu tinha mais noção, por causa das notícias. Mas não tinha muita noção de como são as coisas, porque era muito nova. Mas depois que iniciei o Projeto já comecei a saber mais coisas, e fiquei assustada em como isto ainda acontece no dia-a-dia.

A violência no namoro eu acho que não acontece tanto na minha escola, pelo menos eu não noto muito, mas também conheço pouca gente, a gente que eu conheço é a minha turma principalmente. Mas, homofobia, eu sei de muitos casos e isto assusta-me, pois, como é possível numa geração que já é tão ‘mente aberta’ haver casos homofóbicos, e de pessoas que não conseguem compreender que o amor não tem nada a ver com sexos diferentes, tem a ver apenas com o facto de uma pessoa ter sentimentos pela outra?



depende muito das gerações, da forma como as pessoas são criadas

Eu acho que nós ao debatermos o assunto, vemos outras perspetivas do assunto, mesmo não sendo as mais corretas. Eu me lembro de um colega nosso não ter opiniões muito corretas sobre alguns determinados assuntos, mas isto também depende muito da situação familiar que as pessoas vivem, da forma como os pais são ou não abertos a determinados assuntos – porque há pais que ainda continuam a dizer que isto são tabus e que não se deve falar e é um bocado preocupante no século XXI ainda haver esta preocupação de ‘oh, meu Deus isto é um tabu’. É muito preocupante! Mas é

o que eu digo, depende muito das gerações, da forma como as pessoas são criadas. E eu noto muito isto, por exemplo, na minha família, dependendo das gerações... eu tenho conversa com uma geração que, se eu tiver com uma geração acima já será diferente, vamos ter outra discussão. Mas acho que nos momentos de debate (nas sessões do projeto) nós conseguimos expressar nossa opinião e comprovar que, se calhar, nós estávamos errados em algum ponto que outra pessoa poderia até estar certa, mas nós não sabíamos porque não havíamos debatido isto.

Também acho que, obviamente, o fator idade das técnicas dá-nos mais confiança de podermos nos abrir ainda mais e não olharmos como se fossem adultos de 40, 50 e tais anos. Mas às vezes também o fator idade não tem muito a ver, tem mais a ver a forma como a pessoa fala, a forma como interage connosco e da relação que tem connosco. Depende muito da forma como a pessoa fala, da forma como ela se comporta à nossa beira. Independente da idade, as pessoas tinham de ter mente aberta e pessoas que conseguissem transmitir, como agora costuma-se dizer, uma boa 'vibe', uma boa energia, uma pessoa comunicativa e aberta a todas as opiniões. Nos projetos deve-se abordar todas as violências, homofobia, xenofobias, estereótipos, tudo e mais alguma coisa que se pudesse falar em um ano, ou dois ou três anos, quanto tempo durasse o projeto e quanto mais melhor! Quanto mais abertura, quanto mais falarmos sobre isto, melhor. E as atividades tinham que ser os debates, porque é essencial haver debates... jogos de conhecimento, ou seja, as pessoas adquirem conhecimento, mas nem se apercebem porque estão a jogar. E também deve haver atividades como nós tínhamos, no final do ano, como nós tínhamos que era juntar escolas e fazer um espetáculo a mostrar as más coisas da nossa sociedade, mas de uma forma artística. Puxar pela arte pode ajudar, sim.



eu nunca mais tive um Projeto igual e tenho pena de não o ter

Nós tivemos um projeto com a polícia, eles iam uma vez por ano à escola nos mostrar o que era uma escola segura e dizer ‘não ao bullying’ e fazer esta participação anual na nossa escola. Mas como este Projeto, eu nunca mais tive um Projeto igual e tenho pena de não o ter, porque, conforme já disse, que acho que era um projeto que deveria haver ainda mais continuidade. Neste projeto com a polícia eram apenas palestras, nós falávamos, mas era apenas a fazer perguntas, mas o debate em si não acontecia muito porque também não era só a nossa turma, eram outras turmas. Se calhar, o medo de dizer uma coisa diferente do que as outras pessoas possam pensar, por esse medo, é que eu acho que não se conseguia fazer o debate. Por outro lado, quando estávamos nas sessões do Projeto, o debate acontecia muito facilmente porque conhecíamos uns aos outros e estávamos já à vontade uns com os outros e isto faz diferença.



ainda existe muita controvérsia entre rapazes e raparigas

Em alguns assuntos poderia haver sessões separadas para rapazes e raparigas. Por exemplo, em assunto em que dizemos que são mais ‘machistas’ seria bom! Eu me lembro de, na altura, alguns rapazes pensarem que alguns comportamentos eram corretos e nós, raparigas, dizíamos que não, que isto não era correto, e era mal. Por exemplo, o assédio sexual na rua, ainda existe muita controvérsia entre rapazes e raparigas porque nós dizíamos que aquilo é assédio e os rapazes diziam que não. As raparigas sabem diferenciar quando é um elogio e quando é assédio. Não é que não aconteça com os rapazes, porque eu sei que acontece com eles, mas eu acho que não acontece tantas vezes quanto acontece a nós. Sinceramente eu não porque, mas acho que as mulheres têm mais medo de andar na rua e de que

aconteça isso do que os rapazes, especialmente pelas gerações antigas e pela forma como vivemos desde sempre.



O Projeto mostrou-me que há certos sinais que nós sempre devemos ter em atenção

A ‘Lara do futuro’ espera já estar formada em pediatria, sei que são praí 10 ou mais anos a estudar, mas espero já estar formada, num bom emprego, se puder ser aqui na cidade é melhor. Em termos familiares, pelos 30 anos queria ter 2 filhos, porque eu sempre disse que não quero ter um filho único, quero ter dois porque eu tenho um irmão, eu sei o que é ter uma pessoa ao lado, do mesmo sangue e de idades parecidas, então eu quero que meu filho ou minha filha tenha um irmão e que eu esteja com um marido e que nós nos amemos muitos.

O Projeto mostrou-me que há certos sinais que nós sempre devemos ter em atenção, especialmente na violência doméstica e violência no namoro, há certos sinais que se nota, só que é preciso ter muita atenção a estes sinais. Por exemplo, se nós reparamos que a mulher está mais retraída à beira do marido, podemos pedir ao marido para sair, para falar com a pessoas sozinha e dizer ‘olha, se precisas se ajuda, diz-me, eu não digo a ninguém eu só te vou ajudar’ ou seja, tentar ajudar as pessoas o máximo que eu conseguir. Em termos de pediatria, claro, mas também em termos familiares. Porque, obviamente, que as crianças para os pediatras não são apenas um objeto, ou apenas um cliente. Devemos ver o coração, as pernas e analisar também a parte de saúde mental, porque também são os pediatras que podem encaminhar as crianças para um psicólogo, por exemplo. Então, sim, eu quero estar atenta a tudo e acho que este Projeto me ajudou a estar atenta a tudo. Quando oiço ou vejo notícias de crianças que são violadas pelos pais, padrastos e tios, o que me assusta é que eu vou ver o que foi analisado, o que eu poderia analisar quando eu for médica porque é uma das minhas competências, será uma das coisas que precisarei fazer quando for

uma consulta regular, tenho de analisar a criança em todos os aspetos, até à ponta dos pés.



não podemos ter medo e nem desistir

Para os jovens de hoje em dia eu queria dizer que eu sei que anda complicado nós atingirmos os nossos sonhos, principalmente porque o nosso sistema educacional só vê notas, não vê pessoas, não vê os alunos, não vê os esforços que nós fazemos, porque eu sei que muita gente mata-se a estudar, e que não desistam porque nós sempre podemos levar um não, mas se formos atrás sempre do sim, um dia vamos conseguir um sim e não um não. Porque muitas vezes um não... como nós aprendemos em matemática, menos com menos vai dar um mais, ou seja, tantas vezes um não vai acabar por dar um sim. Então é só não desistir dos sonhos, mesmo que custe e eu sei que custa correr atrás dos nossos sonhos, temos dificuldade para alcançá-los, mas não podemos ter medo e nem desistir!



Eu me chamo Luísa

Eu me chamo Luísa. Tenho 17 anos, vivo em Oliveiras, mais especificamente na freguesia de Pinheiros. Eu vivo com meus avós, com minha avó, não vivo com os meus pais, mas na maioria do tempo passo só o fim de semana com eles junto com meu irmão. Por obrigações de família eu preferi ficar aqui junto dos meus avós e, eles estão numa idade em que precisam de mais apoio e eu senti por bem ficar junto deles. Também é onde eu estudo, onde tenho amigos, familiares, pronto, é onde eu tenho mais meu seio residencial é por aqui. Fiz 17 anos há duas semanas. Eu considero-me bem feminina, gosto bastante, sinto-me bem na pele em que nasci, identifico-me perfeitamente com o meu corpo e sou de orientação sexual heterossexual. Eu era para estar no décimo primeiro, só que eu tive uma mudança de curso e perdi um ano e agora eu voltei e estou no décimo, mas o pessoal da minha idade é no décimo primeiro



a minha palavra torna-se mais forte e não tão neutra

Foi no oitavo ano, durante as aulas de cidadania que começamos a ter as sessões. No início tínhamos as sessões junto com a nossa diretora de turma e depois começamos a ter apenas com a [técnica-facilitadora do Projeto]. O Projeto veio a me ajudar, ou seja, eu já me identificava bem com o meu corpo, nunca tive assim [dúvidas] a pensar que ‘será que se eu fosse um rapaz

¹¹ Todos os nomes de pessoas, localidades e instituições são fictícios e foram inseridos no texto para assegurar melhor dinâmica à leitura e, também, a anonimização dos/as participantes.

me sentiria bem...” ou seja, não é como se me olhasse ao espelho e estivesse dúvidas, não, eu gostava do que via. Exceto problemas meus, mas são inseguranças, que existem apesar de eu me sentir bem com meu sexo feminino. Mas, o Projeto ajudou-me a compreender que, afinal, não é só o feminino e masculino. Abriu-me ainda mais os horizontes e fez me perceber que, afinal, essas dúvidas são mesmo reais, não são..., ou seja, ajudou-me a perceber melhor as pessoas que não se identificam no corpo que nasceram. E, é claro, antes do Projeto eu não cruzava com essas pessoas, eu não achava estranho, mas agora, o Projeto fez com que eu as quisesse ajudar para além de apenas as respeitar. Ou seja, esta noção de entreajuda surgiu ao abrir-me mais estes tais horizontes. Muita gente diz que “ah eu não percebo essas pessoas ou, isso deve ser por que é moda, tá tudo indeciso então juntam-se”. Só que eu antes não diria nada, só ouvia. Mas, agora, digo que não, não é bem assim, que mesmo que nós nos identifiquemos com que somos devemos ajudar estas pessoas, por exemplo, partilhar coisas nas redes sociais, a dizer que precisámos de mais liberdade. Ou seja, a minha palavra torna-se mais forte e não tão neutra.



é como se não fosse suficiente para completar tudo o que era necessário na escola

A escola sempre foi uma escola respeitadora, liberalista, vamos dizer assim. Ou seja, eu já tinha estado numa outra escola e mudei de propósito para ela por me sentir muito melhor nessa escola. Mas, lá está, toda a gente adorou este Projeto porque houve mais interação entre as turmas, entre alunos. Sinto que houve mais esta integração e houve também um grande ‘boom’ em relação às pessoas se exporem mais. Aquelas raparigas que não sentiam bem com o seu corpo começaram a usar modas mais adequadas em relação aos rapazes. Acho que elas se sentiram ainda mais à vontade para se expressar. Mas, sim, já existia outros projetos na escola, por exemplo, com a polícia. Nós tínhamos isso, e é verdade que falamos certos temas, mas tudo

que era em relação à violência de gênero, o que era sexismo, e esses temas mais fortes, a verdade é que não falávamos muito. Durante estes outros projetos falávamos das leis, falávamos muito do bullying e acho também muito importante falarmos disto. Mas, é como se não fosse suficiente para completar tudo o que era necessário na escola. Faltava mesmo aquela parte que este Projeto nos trouxe.



E todas essas coisas fizeram-me ficar mais fechada e não abrir tanto com a turma

Então, eu mudei-me para o décimo e o curso que eu queria não tinha na escola onde eu tive acesso ao Projeto. Então eu tive que me mudar para a secundária da Vila que é uma escola muito grande, as instalações são das melhores que pode haver em escolas. A escola é muito bem equipada, não há obras, é tudo muito bom e os professores são excelentes. Só que a escola, não sei, talvez por ser maior, há menos organização, menos pessoas ouvintes e nós não nos sentimos tão à vontade para nos expressar e também não há projetos, não há nada. São apenas as aulas. Eu sabia que eles faziam um projeto de intercâmbio, mas por causa da pandemia ficou tudo parado... só que nunca passou disso. Nunca tivemos uma aula de cidadania a sério e nunca falamos desses temas, exceto em filosofia, porque nós aproveitamos filosofia para falar um pouco disso, de violência de gênero e assim. Mas, por exemplo, no meu caso, não conseguimos falar até sobre as orientações sexuais, porque a turma era tão imatura que o professor disse que não nos ia dar.

A professora de história chegou a chorar porque havia muito bullying na turma, havia muita rivalidade, havia muito olhares negativos e a professora até disse que nunca tal tinha acontecido. E todas essas coisas fizeram-me ficar mais fechada e não abrir tanto com a turma e eu disse que não dava para mim! Eu não estava a me identificar mesmo, sentia-me muito sozinha mesmo. Passei a fazer os trabalhos sozinha, chegava sempre em cima da hora de propósito para não esperar tanto das aulas começarem. A

escola, e isto é certo, é o que nos vai trazer um futuro e temos que nos habituar às aulas e às notas. Mas, também, existe aquela parte de socializar, que é muito importante, e eu não tinha isto. Não tive isso último ano e eu senti muita falta da minha escola antiga, onde tínhamos o Projeto. Mesmo apesar de eu saber que não tenho muitos amigos nesta escola, o fato de a escola ser tão acolhedora fez-me sentir saudade e, claro, tem todos os projetos também. Ainda hoje tenho contacto com a [técnica-facilitadora do Projeto] e falamos. Fiz meu décimo ano e agora estou a fazer, outra vez, meu décimo ano e essa interação é fundamental. Foi sem dúvida alguma, a melhor escola que já andei. E, apesar de tudo, ela tem as instalações muito más aliás estão em obras e lidamos constantemente com barulho, com o ruído das obras nas aulas, mas a escola é tão boa que isso passa-me ao lado completamente.



A minha família sabe e bem das situações... principalmente a da minha mãe

A minha família sabe e bem das situações, é claro, principalmente a da minha mãe soube do porquê de eu querer mudar de escola, ela também se apercebia bastante que eu não tinha tanta vontade de ir à escola. Eu sou uma pessoa que gosto da escola, gosto de estudar e que, pronto, que não faço aquela via ou finjo que me dói a barriga para não ir às aulas, eu adoro mesmo ir! Mas já não estava mais a gostar, percebia claramente que ia ser “ok, não vou falar mais uma vez, vou ali assistir as aulas, não vai passar daquilo”. Então era uma seca, eu não queria ir. Foi então que a minha mãe disse que quando eu acabasse o ano que eu mudaria [de escola]. Mas depois meus avós, também...meu avô não é uma pessoa tão ligada a isto, ele descarta um pouco essas situações familiares. Mas isto não me incomoda. A minha avó também sempre me acompanhou, nunca tive julgamentos por querer mudar de escola ou mudar de curso, nunca tive problemas em relação a isso mesmo. Já em relação ao meu pai, temos uma relação um bocado complicada, e ele

nem sequer sabe em que escola eu estou e se alguém lhe perguntar em que escola eu ando ele não sabe responder, porque balda-se completamente em relação aos seus compromissos comigo. Infelizmente já aconteceram bastantes situações, mas mais do lado do meu pai, da família do meu pai, que esta discussão sobre género é mais difícil.

Do lado da família da minha mãe nós somos bastante respeitadores em relação a isso e nos importamos. Por exemplo, o meu primo está com 15 anos e ele está a ter muitos amigos ou amigas que estão a mudar a sua orientação, o seu género, e nós comentamos bastante nos almoços de família, comentamos bastante e dizemos que o que interessa é serem felizes e que ele deve respeitar e continuar a apoiar os amigos. Com 15 anos é uma fase dos hormônios a explodir e as ideias também. Nós em vez de incentivarmos o meu primo a ficar como ele estava antes, a ser neutro, nós o incentivámos a defender essas pessoas. Ou seja, para ele não ficar só a respeitar, mas também a ajudar. E o Projeto ajudou-me também nisso, ajudou-me para além de ser apenas eu e mudar, eu também consigo incentivar e transmitir para que as pessoas próximas a mim, meus amigos, também possam mudar. Já no lado da família do meu pai é mais complicado, porque eles têm a mente muito fechada mesmo, muito retrógrada. E não sei se é por ser mais da aldeia, não sei por que, mas sinto que da aldeia são mais... eles estão habituados a ser tudo do mesmo padrão, então ver algo “fora do padrão” choca mais, do que para as pessoas que vivem na cidade. Acho que também tem uma certa influência, não digo que não, mas é verdade que do lado da família do meu pai é mais “ah só podia ser paneleiro” “ah, se roubou é por que é preto”. Há muito racismo, há muito isso e quando eu quero falar algo sobre ficam todos chateados, a dizerem que é porque eu venho da cidade grande e venho com esses hábitos, é mesmo muito complicado!



A minha mãe é muito liberalista em relação a isso, já o meu pai é muito fechado e está sempre a dizer coisas ao lado

A minha mãe respeita bastante os meus posicionamentos. Aliás, ela tem amigas que mudaram sua orientação sexual e até mesmo minha mãe diz que temos um pouco daquela bissexualidade. Por exemplo, nas brincadeiras, nos estilos, temos sempre aquele outro lado em nós, como aquele lado criança que não vamos perder. A minha mãe é muito liberalista em relação a isso, já o meu pai é muito fechado e está sempre a dizer coisas ao lado. O vocabulário entre os amigos é sempre aquelas brincadeiras sobre rabos das mulheres. É verdade que, de vez em quando, uma ou duas piadas sem ofensas, tudo bem só que quando isto se torna um costume, sempre as mesmas brincadeiras, não pode ser. Eu acho que temos que nos respeitar e não gozar, porque, há casais, é o que eu digo, por exemplo, em relação a adoção entre dois homens e duas mulheres ou entre um casal heterossexual, eu acho que ainda choca muito e mete-me ainda um pouco de confusão. Porque na minha opinião um casal heterossexual pode dar menos amor a uma criança do que um casal homossexual, ou até um casal homossexual consegue transmitir ainda muito mais amor do que um casal heterossexual, e é isso que eu quero tentar transmitir.

Mas o que as pessoas dizem é que “ah, quando dois homens e duas mulheres tiverem seus filhos de forma biológica eu não digo nada” mas isto sabemos perfeitamente que é impossível cientificamente. Mas temos de ajudar as pessoas, e acho incrível que qualquer casal consiga dar um lar a uma criança que está sem pais e não tem importância se é um homem ou uma mulher, desde que a criança seja bem tratada, respeitada e tenha o apoio da família. Nesta sociedade em que vivemos, se eu fosse filha de dois homens, claro que eu ia ser gozada. Então, eu acho que estas crianças merecem um pouco mais de apoio, de atenção, para lidar com a sociedade.



eu sou um pouco contra a religião porque o nosso próprio país esteve em atraso por causa da religião

Eu não ligo à religião, aliás eu nunca andei na catequese, mas há sempre aquele julgamento que eu devia pertencer à catequese. Então eu acho assim, que por um lado existe sempre aquela parte da religião. Mas, lá está, eu sou um pouco contra a religião porque o nosso próprio país esteve em atraso por causa da religião e muitas coisas não se desenvolveram porque a religião não permitia. Por exemplo, os cemitérios não eram permitidos pela religião porque as pessoas tinham de ser enterradas no seio da igreja. E quando se quis arranjar um espaço específico para os falecidos foi logo uma confusão. Então eu acho que a religião, é claro, fecha muito as mentes e eu acho que sim, a religião pode ter influência, em todos os aspectos mesmo.



a relação que meus pais têm é complicada

Os meus pais vivem juntos. Mas a relação que meus pais têm é complicada. Sempre foi de altos e baixos e... por exemplo, eu já cheguei durante 12 anos e o meu pai vinha para Portugal, depois vinha para a França. Então havia períodos que estavam separados, mas na maior parte do tempo moravam juntos e houve momento complicados, de violência doméstica. Nós tivemos muitos problemas financeiros, dívidas enormes que fizeram com que eles “chocassem o santo” e claro que nem sempre foi fácil, então eles não estiveram sempre juntos. No entanto, a minha mãe, no fundo, nunca o conseguiu deixá-lo a 100%, apesar de eu o pedir. Eu fui uma criança que em vez de pedir que meus pais estivessem juntos eu pedia que meus pais se separassem. Mas é claro que eu não tenho poder nenhum sobre esta situação, é muito mais complicado. Mas, tudo isto fez-me ver, e agora penso que, se não fossem estes momentos que eu vi, que eu assisti, que eu vivi, se calhar

não me tornaria na pessoa que sou hoje e se calhar, vez de ajudar as pessoas que precisam de ajuda eu gozaria com elas, não sei... eu acho estas coisas têm uma influência no caráter que temos e na maturidade com que ficamos. E o Projeto em si veio a falar sobre as inúmeras, inúmeras situações que vivemos na sociedade, a violência doméstica é uma delas, por isso não tenho problema nenhum em ter o meu testemunho aqui.



Há muitas pessoas que é inútil falar para elas

De forma mais geral, senti-me um pouco “indignada”, vamos dizer assim, em relação aos comentários das pessoas durante os debates na turma porque estes comentários eram de uma inocência tal que eu não consigo entender como é que os meus colegas conseguem não estar atualizados em relação a temas tão importantes ou como conseguem baldar de forma tão fácil as situações como violência no namoro, bullying, violência doméstica. Há muitas pessoas que é inútil falar para elas, e eu não consigo entender isso. Então eu fiquei meio assim... meio triste por constatar isto. Ou seja, agradeço ao Projeto de ter vindo e expor os problemas, porque pode ser que algumas pessoas tenham compreendido e lhes tenha incomodado pois estavam numa inocência tal que...ainda bem que este Projeto cá esteve! Já em relação aos temas que mais me chocaram, não sei se se lembra, em relação à situação da queima das fitas? Foi mesmo muito mal, há 3 anos ou 4 anos atrás e as raparigas estavam em estado bastante complicado sob o efeito do álcool e drogas e expuseram-se de forma muito má, muito negativa pra elas, especialmente neste meio académico, não é?! E sabemos que nestes tempos de redes sociais, se lá colocarmos alguma coisa (é para sempre). Muita gente estava a defender as raparigas, mas nessa situação a minha opinião é completamente diferente, até mesmo do próprio projeto. E foi este o único senão mesmo. A minha opinião é de que eu já estou numa idade que já saio à noite, em que eu já descobri os perigos da noite, e tudo bem que eu tive uma educação sempre voltada a evitar e ter cuidado com os perigos e claro que isto influenciou a que não praticasse certos comportamentos. Só que eu

acho que as pessoas só bebem porque querem, nós temos uma boca para dizer que “não”. E, tudo bem, às vezes pode acontecer de nós estarmos a beber um copo e alguém colocar algo na nossa bebida e não termos a consciência disto, mas há medidas a fazer, há muitas coisas que temos que ter em atenção. Uma noite pode estragar uma vida inteira. Toda a gente dizia que “eles estavam a influenciar elas a beberem”, certo, os rapazes agiram mal a influenciar estes comportamentos, mas as raparigas também agiram mal em aceitar isto. Por isso temos de ter consciência crítica das coisas e não defender só homens ou só mulheres. Eu usava o metro nesta altura e havia sempre raparigas a dormir por ali, vômitos acolá, e eu acho que isto não é só culpa de quem está a vender as bebidas. Nós temos uma boca para dizer que sim e uma boca para dizer que não e reconhecer os nossos limites. Eu tenho amigas minhas que já ficaram a fazer figuras, quando não controlavam mais o corpo e a fazer coisas que nem se lembravam mais, mas a mim nunca me aconteceu, porque eu sei os meus limites. E não saio com qualquer pessoa à noite porque é um ambiente muito perigoso, é para se divertir, mas nunca sabemos quem está por trás.



tem aqueles que nos lembramos mais, isto é certo, mas ambos foram importantes

A turma sentiu-se sempre muito à vontade para colocar questões, para participar nos debates, porque a [técnica-facilitadora do Projeto] usou os debates como uma forma de ouvir mais nossa opinião, para percebermos melhor o tema. Ela sempre nos deixava antes falar entre nós e ela também interagia, mas depois quando percebia que alguém não havia compreendido algo ela corrigia para perceberem melhor o que estávamos a falar. E ela sempre foi uma pessoa que, pronto, só o sorriso cativa bastante as pessoas e sentimo-nos bem integrados e então claro que ajudou muito! Havia temas em que as pessoas queriam participar mais, aqueles temas mais polémicos ou aqueles temas mais sexuais, e claro que há mais pessoas a querer participar nestas discussões. Por exemplo, em relação ao aborto, foi um tema

que cativou muita gente e com isso nos sentimos cada vez mais à vontade, e parecia que ela escolhia os temas perfeitos para nós nos sentirmos cada vez mais à vontade com ela.

Em relação ao outro projeto que participei, não havia debates, era mais apresentações, dúvidas, perguntas que nos faziam para responder, mas não havia assim, debates, ao ponto de nos fazerem calar como havia no projeto. Eu tenho memórias deste outro projeto, mas vamos ser sinceros também, leis é mais aborrecido do que aqueles temas que falamos no Projeto que participei por mais tempo. E, também a facilitadora tinha um lado feminino que cativa, mas, é mais doce, enquanto no outro projeto, os polícias com a farda assustavam mais um bocadinho. É claro que tem esta diferença, mas, os dois foram bastante importantes, tem aqueles que nos lembramos mais, isto é certo, mas ambos foram importantes.



É importante falar sobre isto e não falamos o bastante!

Basicamente, eu gosto de falar abertamente com as pessoas para perceber melhor a pessoa, porque ao falarem dos temas eu conseguia entender muitas coisas. Vamos supor que estou a falar com uma pessoa e essa pessoa acabar a dizer um comentário racista, já sei que essa pessoa não é tão aberta de espírito quanto a este tema. Então, eu iria logo à procura dos temas mais fortes para refletir com esta pessoa. Eu dou aula em privado de português e francês, então faz-me ter uma interação maior com as pessoas e perceber o quê que a sociedade tem achado em diversas faixas etárias. Por exemplo, as faixas etárias, em dos 20, 20 e poucos anos e nós raparigas, achamos que a sociedade portuguesa dá mais liberdade aos rapazes de saírem à noite, e às raparigas nem tanto. Ou seja, eu já falei muitas vezes isto com uma rapariga a quem eu dou as aulas, e ela também sai à noite, e ela diz que, em relação a França de onde ela veio, ela vê muitos mais rapazes do que raparigas a noite. E isso mostra que não somos um país tão seguro, e mostra que as mentes também são muito mais fechadas e que a mulher não tem tanto poder e liberdade quanto se pensava. Este tema é bastante falado e

bastante observado, é muito observado mesmo! E também escolheria o tema das orientações sexuais, pois apesar de já sabermos em que consiste, e se perguntarmos a uma pessoa na rua vamos ter uma resposta clara o suficiente, ainda é preciso falar sobre isto. Acho que o tema do aborto também tem de ser mais falado porque sinto que ainda há muitos tabus, muita gente contra esta prática do aborto. Poderia falar também do racismo, porque acho que nunca é suficiente! Temos de falar sempre mais, pois embora os/as alunos já saibam em que consiste, nunca é suficiente pois parece que quanto mais se fala ainda há mais pessoas a praticarem isto, e isto é horrível! E acho que também, um tema que gostava que fosse falado, mas que é muito pouco falado, são as leis em relação às nossas idades. Por exemplo, eu desconhecia que aos 16 anos se poderia registar uma criança. Eu desconhecia que com o consentimento dos pais se podia casar sendo menor, eu desconhecia que aos 16 se podia abortar. Estas leis que as pessoas pensam que “ah, só quando eu for maior” ou ainda “eu só tenho 16 anos e não tenho responsabilidades”, mas não.

Nós temos direitos e responsabilidades. E, também, sobre a etnia cigana eu acho que infelizmente ainda sofrem muito com preconceito. E temos inclusive um partido político que é contra este grupo. É muito chocante e triste e ver isto, e ver que há quem apoie isto. Mas acho que a política e as leis mais ligadas às nossas idades deveriam ser mais faladas! Também se deveria abordar mais as questões de políticas sobre a violência de género, e eventos que aconteceram no nosso país, porque somos um país ainda bastante retrógrados, então era importante mostrar estas diferenças para cativar ainda mais gente. É importante falar sobre isto e não falamos o bastante!

Na nossa idade pouca gente sabe, por exemplo, quais partidos é que temos ou as origens dos nossos políticos, a criação dos partidos, os fundamentos dos sindicatos. Tudo isto deveria ser um tema que se pudesse inserir porque, no fundo, é tudo uma bola de neve. É preciso falar sobre tudo, sobre história política.

Por exemplo, quanto a essa possível guerra entre a Ucrânia e a Rússia, se perguntares para pessoas da minha idade, elas desconhecem totalmente, não

sabem o porquê de isto está a acontecer, não sabem sequer que as tropas militares Portuguesas que já foram para lá enviadas. Por isto eu acho que este tema da política deveria ser abordado com mais frequência!



Eu quero sempre progredir e não ficar presa ao estatuto que eu tirei

Posso falar sobre o meu futuro, e apesar de ser bastante julgada pelo que quero seguir, falo sobre isto sem problema. Eu sou uma pessoa que quer sempre mais. Eu quero sempre procurar mais e não quero limitar aquilo que consigo fazer. Na escola disseram-me para fazer uma certa atividade, se eu conseguir mais, farei mais. Gosto de estar sempre ao corrente das coisas, das notícias, eu acho que para mim a Faculdade me abriria portas e eu ficaria limitada, iria me contentar com as portas abertas ali e ficaria por lá. Por exemplo, eu tiro psicologia, consigo tornar-me psicóloga, eu vou ficar estagnada nisto. E isto não é para mim! Eu adorava trabalhar em temas de escritório, pois gosto de estar sozinha ao computador, a trabalhar em assunto relacionados com empresas. No entanto, fora destas horas adorava tirar um curso seja de gestão empresarial, cursos assim mais pequenos, mas não aqueles cursos académicos. Mais técnicos. Eu quero sempre progredir e não ficar presa ao estatuto que eu tirei. Se eu tirar uma licenciatura, aquilo vai deixar-me limitada. Eu dou as aulas que eu dou hoje para fazer dinheiro para mim mesma, e isto claro também conta para o meu currículo, mas com este trabalho ganhei outras coisas. Com isto começaram já pedir-me para fazer traduções de textos. Eu tenho um amigo que está a tirar comércio internacional, na licenciatura e quem lhe faz os trabalhos e relatórios sou eu. Ou seja, eu quero sempre mais e mais de mim, seja e que aspeto for e quero enriquecer o meu currículo com coisas que eu tenha feito, coisas práticas. Eu acho que isto tem ganho cada vez mais importância. Uma pessoa que tiver uma licenciatura e que saiu com uma média de 15 tem muito menos portas abertas do que uma pessoa que pratica voluntariado, intercâmbios, fala duas línguas... Nós temos que evoluir sempre, não podemos ficar parados. Eu quero acabar o meu 12º, quero tirar o curso de aptidão profissional e depois,

como tenho o francês como língua materna, isto dá-me muitas aberturas para empresas de call centers, que é algo que eu gosto. Apesar de ser estranho é algo que eu gosto, deste relacionamento. E tenho muitas outras coisas por fazer ainda, posso dar aulas privadas como eu dou, tenho uma página que estou a vender coisas. Eu gosto de ficar com muitas responsabilidades ao mesmo tempo. Meus familiares e amigos não me apoiam nesta perspectiva de futuro. Até meus professores diziam que se andamos na escola é porque quero ir para a faculdade, mas não, não é assim. E depois, na minha família, como eu tinha dito, ela não me julgou até agora neste percurso escolar, mas, quando eu digo que já não quero continuar para a Faculdade, muita gente não apoia e diz que “me caía-te bem um curso”. Eu sei que poderia ser bom, mas eu tenho muitas outras coisas e com isto eu sei que vou conseguir ter o meu salário, e depois eu poderei crescer mais e evoluir.



o Projeto sempre me transmitiu que devemos ser sempre mais, devemos expressar a nossa opinião e ajudar as pessoas

Este meu lado mais livre, teve uma influência do Projeto que eu percebo agora enquanto estamos nesta entrevista. Porque o Projeto sempre me transmitiu que devemos ser sempre mais, devemos expressar a nossa opinião e ajudar as pessoas. Então eu estou a fazer isto! E o projeto também me ajudou a pensar noutros temas, noutras saídas. Claro que me abriu o espírito para ter força e fazer. Posso não ganhar nada no sentido monetário, ou um título, mas ganho conhecimentos, ganho mais amizade com as pessoas e fica sempre marcado no meu percurso, na minha memória e isto é positivo. Eu tornei-me uma pessoa mais aberta! Pequenas situações vivenciadas no projeto me ensinaram a dizer que sim às minhas escolas. Então, foi por este lado que o projeto ajudou. No resto, foi devido a muitos conflitos familiares que eu tive, problemas financeiros, violência doméstica, viver com pessoas... a minha avó tem uma doença crónica e já tentou suicídio várias vezes. Todas estas situações também fizeram com que eu ficasse mais na minha bolha, a pensar mais no que é que eu sou no meio de tudo isto.

Fez-me também ter uma independência muito mais rápida. E eu disse “ok, quando eu tiver 18 anos vou logo me fazer a vida”, e é o que estou a fazer.



entrar nos padrões das sociedades... ainda não sei bem

Eu só tenho mesmo a agradecer por pessoas como vocês fazerem isto, ajudarem-nos a crescer como pessoas, ajudarem a melhorar o mundo que estamos inseridos. Ajudarem também as pessoas a ser como elas são, mesmo que fora dos padrões das sociedades. É engraçado que muita gente diz assim “ah, então vais casar com quantos anos e ter quantos filhos”, e eu digo, “olhe, entrar nos padrões das sociedades... ainda não sei bem...(risos)”. Os padrões da sociedade são casar-se, estudar, ter filhos, e ainda há muito julgamento contra quem não segue estes padrões. O simples facto de eu não querer seguir uma licenciatura já é sair fora dos padrões da sociedade e as pessoas julgam-me, mas isto já me passa ao lado. Eu ganhei uma boa autoestima e o Projeto ajudou-me ainda mais a perceber que mesmo eu sendo uma pessoa dita “do padrão da sociedade” porque sinto-me bem no corpo em que nasci e sou heterossexual, e é isto que as pessoas consideram como “padrão”, o projeto ajudou-me a perceber que eu não preciso estar presa. Ou seja, projetos assim também ajudam quem, como eu, “está nos padrões da sociedade” e não só a pessoas que estão em dúvidas sobre si mesmas, e isto é muito bom! Eu espero que continuem, porque a experiência para mim foi muito boa!



eu me chamo Sara

Eu me chamo Sara, tenho 17 anos, moro com os pais e com minhas irmãs e ando no décimo primeiro ano na Escola Secundária de Oliveiras, estou no curso técnico de auxiliar de farmácia e sou do género feminino, e acho que é isso. Vivo com a minha mãe e meu padrasto. A minha mãe trabalha numa escola e o meu pai é camionista de pesados. Eu tenho uma irmã gémea... sendo gémeas, ela tem a minha idade e tenho uma irmã pequenina. Nós não estamos na mesma turma porque eu reprovei um ano no segundo ano e ela está no décimo segundo ano de Humanidades.



eu mudei de escola não só por causa de um problema de saúde, mas porque eu também estava a sofrer de bullying na escola antiga

A minha irmã não participou no Projeto, eu fui a única a participar, porque não havia na escola dela. Nós estudámos em escolas diferentes porque eu tive um problema de saúde e fui para a escola da minha mãe, para estar mais perto dos cuidados da minha mãe. E, então, eu mudei de escola. E fiquei nesta escola da minha mãe por uns quatro anos. A escola aceitou bem a situação e entenderam o lado da minha mãe. No início, quando fui para esta escola eu sempre fui muito, muito tímida e então eu fiquei menos tímida, me tornei menos tímida hoje [risos], depois que comecei a ter o Projeto e a professora Joana [técnica-facilitadora do Projeto] ajudou-me nisso, porque eu tinha muita vergonha! Quando fui para a escola, como era uma escola nova e eu não conhecia ninguém, então eu resguardava-me mais,

¹² Todos os nomes de pessoas, localidades e instituições são fictícios e foram inseridos no texto para assegurar melhor dinâmica à leitura e, também, a anonimização dos/as participantes.

guardava-me mais para mim porque não conhecia ninguém. Mas quando eu comecei a conhecer as pessoas eu comecei a abrir-me mais, a estar mais com elas, divertir-me, é eu começar a falar com as pessoas é que eu perco esta vergonha, mas à partida sou mais envergonhada.

Eu também senti muita diferença nesta mudança de escola, porque são escolas totalmente diferentes e eu mudei de escola não só por causa de um problema de saúde, mas porque eu também estava a sofrer de bullying na escola antiga. E passado uns tempos é que os meus pais ficaram a saber disso, porque eu passei um mês sem comer porque eu estava a sofrer bullying e, então, não queria continuar lá. E então a minha mãe decidiu que era o momento de me proteger desta situação e também por causa da minha saúde. Foi uma decisão em conjunto e a própria escola concordou em mudar-me de escola para o meu próprio bem e para não andar em conflitos entre pais e alunos. Que eu fui para a escola da minha mãe eu fui muito bem recebida. Senti muito carinho da parte de toda a gente, principalmente da professora Joana porque ela ajudou-me mesmo muito! Eu era muito envergonhada, então ela ajudou-me muito. Ela não nos deixa sentir vergonha!



Acho que há uma diferença entre os bairros e o centro

Eu andava aqui na escola da minha freguesia e fui para o centro da cidade. Então da minha casa a outra escola era cinco minutos, depois eu tive que ir para o centro, tive que andar de autocarro, isto foi mais difícil para mim, claro, de autocarro é muito mais tempo no trânsito e tinha que acordar muito mais cedo, mas foi muito bom para mim, eu melhorei bastante em tudo. Acho que há uma diferença entre os bairros e o centro, especialmente na maneira como eles lidam com os problemas. Porque enquanto na minha outra escola é mais, é tudo... tipo, é tudo a ir para “a porrada” para resolver as coisas mais à brutalidade, sem diálogo. Por outro lado, no centro da cidade, que é onde eu estava, era muito mais calmo. Não é como as pessoas dizem que o centro é pior que os bairros. Não tem nada a ver, as pessoas são

muito mais calmas, respeitam-se de mais e eu prefiro andar nas escolas do centro do que nos bairros.



Nada a ver com que o que nós sentíamos na escola. Porque com ela era muito mais fácil

Em casa nós falávamos sobre estes temas da violência, porque eu e minha irmã temos a mesma idade, estão os nossos pais falavam sobre isso. E com tudo aquilo que passava na televisão, por causa do racismo, do bullying que muitas crianças sofriam e como a minha mãe trabalha numa escola, falávamos disso para avisar-nos, para não fazer aos outros aquilo que não gostamos que nos façam a nós. Mas na escola, nós não tínhamos outros projetos que tivessem a ver com direitos humanos e violência de género, nada, nada. Antes do projeto eu já havia assistido a uma palestra, mas foi com a minha mãe, não foi nada na minha escola. Foi uma coisa que minha mãe trouxe para casa e que assistiu com os alunos e depois falou connosco sobre isso lá em casa, é aí que ouvi falar.

Eu lembro-me que, logo na primeira aula, a professora Joana, eu entrei a meio do período, então eles já estavam num trabalho, e o primeiro projeto que nós falamos foi sobre a violência do namoro e nós até fizemos cartazes que depois, no final, tínhamos que apresentar à muita gente e nós fizemos um textinho em que depois tínhamos que ler. Só que eu tinha muita vergonha de ler à frente de muita gente e a professora Joana nas aulas metia-nos a ler aquilo! Apesar de ser a nossa turma, há sempre aquela vergonha de errar ao ler aquilo mal sendo uma palavra fácil. E a professora Joana conseguia pôr as coisas muito mais fáceis. Nada a ver com que o que nós sentíamos na escola. Porque com ela era muito mais fácil, ela não nos metia aquela pressão em cima de ter de conseguir, não tinha essa pressão, era tudo mais calmo se sabíamos que íamos conseguir. Era uma conversa totalmente diferente, porque eu acho que ela não sendo professora é muito melhor. Porque nós temos uma perceção das professoras como pessoas um bocadinho mais resguardadas, então devemos respeitar. Então foi diferente

porque a professora Joana entrou bem “na nossa”, com calma, nada de pressa, nada de brutalidade e eu acho que isto fez toda a diferença, sim!

O Projeto era muito mais leve, era muito mais interativo. Porque a professora Joana é muito dinâmica! Nós tínhamos sessões semana sim, semana não, então não era muito puxado e a professora Joana era “hoje fazíamos isto”, mas vamos conversar nas calmas, não era tipo “hoje temos que estudar isso, temos que dar isto”, não era assim, era totalmente diferente. Se nós tínhamos uma dúvida que era totalmente diferente do que o que nós estávamos a falar, então a professora Joana deixava que nós andávamos a falar para que pudéssemos discutir sobre o tema que nós tínhamos dúvida, o que nós precisávamos saber ou conversar e ela fazia isso, ela abria a sessão literalmente para nós para falar connosco sobre os assuntos do nosso interesse. E a nossa turma nunca se entendia muito bem, porque cada um queria fazer uma coisa. Mas nós depois fazíamos um bocadinho o que todos queriam que fosse feito. Nunca ninguém ficava de parte, se eu não me sentia bem a dançar, ninguém nos ia obrigar a dançar. E então eram coisas muito mais fáceis para toda a gente. E acho que ninguém ficou de fora porque nós gostávamos de aventuras, pelo menos em coisas, em desafios. E então sempre foi muito bom poder trabalhar com a professora Joana nesse Projeto.



porque ela fez milagres na nossa turma!

Eu me lembro muito do último ano, que foi no meu nono ano, que foi no projeto em que a professora Joana metia-nos a ler um texto em que foi escrito por nós todos, mas que nenhuma pessoa queria ler. Então a professora Joana disse que ia arranjar na turma alguém que tivesse vergonha de falar! E, pronto, calhou-me a mim. E eu a frente toda a gente sai-me muito bem, a professora Joana dois minutos antes chamou-me à parte, e falou comigo, e disse que tudo ia correr muito bem. Fiquei muito mais calma! Respirei fundo, e correu muito bem e eu gostei muito (risos). E eu acho que ela Joana teve mesmo muita paciência comigo. Esta amizade fez toda a

diferença! Talvez pudesse ser totalmente diferente se fosse outra pessoa talvez seria totalmente diferente porque a Joana entendia nossa parte e nós também conseguíamos entender a parte dela e do projeto, porque ela fez milagres na nossa turma! Eu acho que se fosse, por exemplo, a nossa antiga diretora de turma, não seria igual. Nós não tínhamos medo de falar com a Joana, ela nos conseguia deixar totalmente tranquilos, à vontade. Nestes projetos nunca pode faltar pessoas como a professora Joana. Totalmente, a professora Joana faz toda a diferença! Já os temas, não pode deixar de falar sobre o bullying, sobre a violência no namoro, sobre o racismo, totalmente. Mas, principalmente, sobre o bullying e os direitos humanos e a violência no namoro – estes temas, sem dúvida!



naquela escola é um bocadinho pesado, é muito pesado

Eu vejo principalmente o racismo e o bullying na minha escola. Acho que são as coisas mais frequentes e que dói mais a ver que isto acontece na minha escola e é muito triste ver. Não vejo muito a violência no namoro na nossa escola, pelo menos aos meus olhos não é muito frequente na minha escola. Mas o bullying acho que é o ponto essencial na nossa escola, porque naquela escola é um bocadinho pesado, é muito pesado, muito! Durante a pandemia, estar online, melhorou a questão do bullying porque nós estávamos em casa, então acho que não foi muito verbal, nem muito físico, mas foi algo que sentimos mais a pegar nas redes sociais. Se calhar nas redes sociais pode ter acontecido um bocadinho mais, mas de resto, acho que não.



estas iniciativas e projetos deveriam ser mais frequentes

Na minha escola a única palestra que eu tive foi sobre a sexualidade. De resto não tive mais nada. Como não temos cidadania, eu tenho aulas com minha diretora de turma, mas não tem nada a ver com direitos humanos,

nada disso! Neste caso da palestra, simplesmente a nossa diretora de turma achou interessante nós participarmos naquela palestra pela nossa idade, por algumas pessoas já terem namorados e a palestra ser sobre sexualidade. Na minha opinião estas iniciativas e projetos deveriam ser mais frequentes. Eu falo pela minha antiga turma que a professora Joana sabe que nós tínhamos pessoas de muitos países diferentes, tínhamos chineses, tínhamos também romenos e árabes e o racismo acontecia e na minha escola, isso acontece muito com pessoas de fora, e são coisas doidas que as pessoas dizem, e que lhes afeta muito. Isto tinha de ser trabalhado com os estudantes.



o Projeto nos ensinou a ser mais tolerantes e respeitosos e isso pode fazer de mim uma profissional mais consciente

É assim, sobre o meu futuro, eu quero ser farmacêutica. E direitos humanos não tem nada a ver com a minha área, mas pode não ter ajudado em minha área específica, mas no futuro, caso eu tenha um relacionamento abusivo, por exemplo, eu já sei como reagir ou resolver a situação. E acho que no futuro pode não ter nada a ver com nossos futuros trabalhos, mas dá sempre jeito na vida, na nossa vida do dia a dia. E também o Projeto nos ensinou a ser mais tolerantes e respeitosos e isso pode fazer de mim uma profissional mais consciente, especialmente ao lidar com o público.

Projeto

BO(U)NDS

Narrativas
Biográficas
